

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS METROPOLITANO - INHUMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

MARCELA RODRIGUES SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE NA PRIMEIRA FASE DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

GOIÂNIA  
2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CAMPUS METROPOLITANO - INHUMAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE O ADOECIMENTO DOCENTE NA PRIMEIRA FASE DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação da UEG/Inhumas como parte dos requisitos para  
a obtenção do título de Mestre em Educação.  
Linha de pesquisa: Cultura, Escola e Formação.  
Orientadora: Profa. Dra. Simone de Magalhães Vieira  
Barcelos

GOIÂNIA  
2023

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS,  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE INHUMAS**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA  
DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor (a), autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA n.1087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

**Dados do autor (a)**

Nome Completo: Marcela Rodrigues Santos

E-mail: [profippt@gmail.com](mailto:profippt@gmail.com)

**Dados do trabalho**

Título: Reflexões sobre o adoecimento docente na primeira fase da educação básica

☒ Dissertação

Concorda com a liberação documento?

☒ SIM ☐ NÃO

Obs: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa.

Goiânia, 15/10/2023  
Local Data

Marcela Rodrigues Santos

Assinatura do autor / autora

Simone de Magalhães Vieira Barreto

Assinatura do orientador / orientadora

### **Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor**

SANTOS, Marcela Rodrigues

Reflexões sobre o adoecimento docente na primeira fase da educação básica / Marcela Rodrigues Santos; orientadora Simone de Magalhães Vieira Barcelos - - Inhumas, 2023  
104 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Acadêmico em Educação) - - Unidade de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Trabalho docente 2. Reestruturação positiva 3. Adoecimento docente. I. BARCELOS, Simone de Magalhães Vieira. II. Título.



ESTADO DE GOIÁS  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS - UEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIDADE UNIVERSITÁRIA  
INHUMAS

Ata Nº **1** da sessão de Defesa de Dissertação de **Marcela Rodrigues Santos** que confere o título de **Mestre em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás-PPGE/UEG, na área de concentração em **Educação**.

Dia dois do mês de outubro de dois mil e vinte e três (02/10/2023), a partir das 14h, no formato híbrido, link: <https://meet.google.com/peo-wbnt-oji>, nas dependências da UnU Inhumas, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Reflexões sobre o adoecimento docente na primeira fase da educação básica". Os trabalhos foram instalados pelo (a) Profª. Drª. Simone de Magalhães Vieira Barcelos (Presidente), Prof. Dr. Cláudio Pires Viana (Membro Interno), Profª. Drª. Maria José Pereira de Oliveira Dias (Membro Externo). Durante a arguição os integrantes da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o(a) candidato(a) aprovado(a) pelos seus integrantes condicionado a incorporação das indicações da banca e a revisão rigorosa de português e de ABNT na dissertação, dentro do prazo estabelecido. Proclamados os resultados pelo (a) Profª. Drª. Simone de Magalhães Vieira Barcelos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, ao segundo dia do mês de outubro de dois mil e vinte e três.

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Simone de Magalhães Vieira Barcelos (Presidente)

Prof. Dr. Cláudio Pires Viana (Membro Interno)

Profª. Drª. Maria José Pereira de Oliveira Dias (Membro Externo)



Documento assinado eletronicamente por **SIMONE DE MAGALHAES VIEIRA BARCELOS, Vice-Coordenador (a)**, em 02/10/2023, às 17:00, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **Maria José Pereira de Oliveira Dias, Usuário Externo**, em 02/10/2023, às 17:00, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



Documento assinado eletronicamente por **CLAUDIO PIRES VIANA, Docente de Ensino Superior**, em 03/10/2023, às 15:35, conforme art. 2º, § 2º, III, "b", da Lei 17.039/2010 e art. 3ºB, I, do Decreto nº 8.808/2016.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site [http://sei.go.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=1](http://sei.go.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=1) informando o código verificador **52358071** e o código CRC **0DD6AFA2**.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIDADE  
UNIVERSITÁRIA INHUMAS  
AVENIDA ARAGUAIA 400 Qd.14 Lt., S/C - Bairro VILA LUCIMAR -  
INHUMAS - GO - CEP 75400-000 - (62)3514-1345.



Referência: Processo  
nº 202300020014639



SEI 52358071

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus pais, essência da minha vida, que sempre me incentivaram a estudar e a nunca desistir dos meus sonhos. Ao meu marido, Maycon Gudieres, pelo companheirismo, apoio e cuidado durante esta caminhada. Ao meu filho, Miguel, razão da minha vida e a minha irmã de coração, Laísse Silva Lemos, pelo incentivo e apoio incondicionais.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por me ensinar que o seu agir tem seus mistérios, mas o tempo todo Ele cuida de nós e faz sempre o melhor em nossas vidas.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Simone Magalhães V. Barcelos, pelo acolhimento, pelo convite a buscar o conhecimento, pela orientação serena, sábia e competente. Obrigada por me auxiliar a não perder de vista a potencialidade existente em mim e pelas orientações para que se confirmasse em ato, quer dizer, elaborar e defender a presente dissertação. Minha especial admiração, reconhecimento e gratidão pelo trabalho realizado na disciplina Fundamentos da Educação, no Seminário de Pesquisa II e, especialmente, na orientação e acompanhamento ao longo do mestrado.

À coordenadora do programa, Valdirene Alves de Oliveira, por ter sido ouvido e colo nos momentos mais difíceis, suas palavras acolhedoras foram valiosas. Obrigada por todo apoio.

Aos professores da banca pela leitura criteriosa e ricas contribuições.

Aos meus familiares e companheiro de vida, Maycon Gudieres, pelo incentivo e apoio em todos os momentos, principalmente nesses últimos anos.

Aos queridos Roni e Luciana Lemos que foram mais do que colegas de trabalho, amigos e parceiros, que tiveram paciência e compreenderam minhas ausências me dando todo apoio necessário.

E em especial, à minha irmã de coração, amiga e parceira, Laisse Silva Lemos, minha profunda gratidão por estar sempre presente na minha vida, me incentivando, me ouvindo, me dando força e bronca, quando necessário, e acima de tudo, sempre me acolhendo. Foi fundamental o seu apoio em toda a minha trajetória acadêmica. Obrigada pelas horas dedicadas a mim, por compartilhar comigo o seu conhecimento e a sua experiência, os quais enriquecem a minha formação e existência.

A todos, gratidão.



Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a  
luta fraqueja e titubeia.

Paulo Freire

## RESUMO

A pesquisa *Reflexões sobre o adoecimento docente na primeira fase da educação básica* é de cunho teórico e tem como finalidade pensar o adoecimento docente, considerando estudos nos campos da educação, da sociologia e da psicologia, presentes no campo científico. Busca-se realizar uma reflexão histórico-filosófica sobre o objeto em questão na contemporaneidade. Sendo assim, a quantificação do fenômeno adoecimento docente, em sentido mais amplo, não será contemplada no presente estudo. Para tanto, as reflexões suscitadas estão ancoradas, sobretudo, nos estudos desenvolvidos por Wanderley Codo (2006, 2000, 1999, 1993), Rosso (2008), Kuenzer e Caldas (2009), Antunes (2006a, 2006b, 2010), Paulo Freire (2001, 1993), dentre outros. Embora tal fenômeno se manifeste na dimensão da subjetividade, não será entendido como pertencente às individualidades, mas como social e situado historicamente numa sociedade de classes e, por isso, deve ser entendido como desdobramento de múltiplas determinações. Deve, portanto, ser compreendido pela análise dos condicionantes históricos, políticos, sociais, econômicos, éticos, filosóficos que possibilitam desvelar aquilo que o produz e o reproduz. Desse modo, reconhece-se como fundante a compreensão de que a realidade humana não é determinada ou fixa, antes, é resultado da ação humana em vista da constituição da sua existência como sujeitos históricos e como humanidade, portanto, é trabalho que se efetiva numa relação dialética entre as dimensões do dado e das possibilidades. Entender o trabalho como uma atividade e suas (re) normalizações na produção do capital buscando o não aparente, seus valores que não deveriam ser quantificados ou postos em questões salariais. A investigação sobre o adoecimento docente possibilitou a apreensão de várias questões, dentre elas, a compreensão e o reconhecimento de que o adoecimento docente tem relação direta com o processo de esvaziamento do sentido do trabalho docente na sociedade capitalista, bem como do distanciamento daquilo que constitui sua natureza e fins.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Reestruturação produtiva. Adoecimento docente.

## **ABSTRACT**

The research *Reflections on teacher illness* is of a theoretical nature and aims to think about teacher illness, considering studies in the sociological, psychological fields, present in the scientific field. It seeks to carry out a historical-philosophical reflection on the object in question in contemporary times. Thus, the quantification of the teacher illness phenomenon, in a broader sense, will not be contemplated in this study. To this end, the reflections raised are anchored, above all, in the studies developed by Wanderley Codo (2006, 2000, 1999, 1993), Rosso (2008), Kuenzer and Caldas (2009), Antunes (2006a, 2006b, 2010), Paulo Freire (2001, 1993), among others. Although this phenomenon manifests itself in the dimension of subjectivity, it will not be understood as belonging to individualities, but as social and historically situated in a class society and, therefore, should be understood as an unfolding of multiple determinations. It must, therefore, be understood by the analysis of the historical, political, social, economic, ethical, philosophical conditions that make it possible to unveil what produces and reproduces it. Thus, it is recognized as a foundation the understanding that human reality is not determined or fixed, but is the result of human action in view of the constitution of its existence as historical subjects and as humanity, therefore, it is work that is effective in a dialectical relationship between the dimensions of the data and the possibilities. The research on teacher illness allowed the apprehension of several issues, among them, the understanding and recognition that teacher illness is directly related to the process of emptying the meaning of teaching work in capitalist society, as well as the distancing from what constitutes its nature and purposes.

**Keywords:** Teaching work. Productive restructuring. Teacher illness.

## **LISTAS DE TABELAS**

|                  |                                                             |
|------------------|-------------------------------------------------------------|
| <b>Tabela 01</b> | Descrição das Teses                                         |
| <b>Tabela 02</b> | Mapeando palavras-chave com os objetivos                    |
| <b>Tabela 03</b> | Palavras Estruturadas para Demonstrar o Adoecimento         |
| <b>Tabela 04</b> | Descrição dos problemas e metodologias das teses estudadas. |
| <b>Tabela 05</b> | Descrição da atualidade/data das pesquisas                  |
| <b>Tabela 06</b> | Quadro de documentos Secretaria Municipal de Educação       |

## **LISTAS DE ANEXOS**

|                 |                                  |
|-----------------|----------------------------------|
| <b>Anexo 01</b> | Guia do Programa Reforço Escolar |
| <b>Anexo 02</b> | Ofício Circular nº 254           |
| <b>Anexo 03</b> | Ofício Circular nº 193           |
| <b>Anexo 04</b> | Ofício Circular nº 138           |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|              |                                                             |
|--------------|-------------------------------------------------------------|
| <b>AEE</b>   | Atendimento Educacional Especializado                       |
| <b>ANAMT</b> | Associação Nacional de Medicina do Trabalho                 |
| <b>BM</b>    | Banco Mundial                                               |
| <b>CNTE</b>  | Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação         |
| <b>CID</b>   | Código de Identificação de Doença                           |
| <b>CMEI</b>  | Centros Municipais de Educação Infantil                     |
| <b>FMI</b>   | Fundo Monetário Internacional                               |
| <b>IDEB</b>  | Índice de Desenvolvimento da Educação Básica                |
| <b>LDB</b>   | Lei de Diretrizes e Bases                                   |
| <b>LDBEN</b> | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional              |
| <b>MS</b>    | Ministério da Saúde                                         |
| <b>MEC</b>   | Ministério da Educação                                      |
| <b>OCDE</b>  | Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico |
| <b>OMS</b>   | Organização Mundial de Saúde                                |
| <b>PNE</b>   | Plano Nacional de Educação                                  |
| <b>TDM</b>   | Transtorno Depressivo Maior                                 |
| <b>UEG</b>   | Universidade Estadual de Goiás                              |

## SUMÁRIO

|                                                                            |            |
|----------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                    | <b>15</b>  |
| <b>1- REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA.....</b> | <b>23</b>  |
| <b>2- APROXIMAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE ADOECIMENTO DOCENTE .....</b>       | <b>35</b>  |
| <b>3- DO ADOECIMENTO DOCENTE À CONFIRMAÇÃO DA HUMANIZAÇÃO .....</b>        | <b>47</b>  |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                          | <b>75</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                   | <b>79</b>  |
| <b>ANEXOS .....</b>                                                        | <b>101</b> |

## INTRODUÇÃO

A dissertação *Reflexões sobre o adoecimento docente na primeira fase da educação básica* está vinculada à linha de pesquisa Cultura, Escola e Formação do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Goiás/UEG/Inhumas, e põe em questão o adoecimento docente num contexto profundamente marcado por políticas educacionais em sintonia com o neoliberalismo.

Tais políticas têm alcance em âmbito nacional e destinam-se aos diferentes níveis de ensino com vistas a orientar questões constitutivas do campo educacional, sobretudo a dimensão do trabalho docente.

A escolha do tema passa por motivações profissionais a partir de inquietações pessoais e profissionais sobre a realidade da escola pública em que atuo como professora efetiva da Rede Municipal de Goiânia. Exercendo a função de coordenadora pedagógica nessa escola foi possível ouvir, dialogar e perceber a angústia e dores relatadas pelas professoras/es<sup>1</sup> em diferentes situações no contexto escolar.

A partir deste cenário, foi necessário entender que é preciso buscar por melhores condições, conhecer a realidade, para não ficar em generalizações e superficialidades. A própria realidade é ideológica quando observamos o discurso de que não existe outra forma de viver, desacreditamos em um movimento coletivo, no poder de greve, dos sindicatos, quer dizer, renegamos a força e a importância da participação ativa, mesmo trazendo à tona o mal-estar. A contradição permite ver o movimento social, analisar e vislumbrar a possibilidade da transformação. Temos que ir além da aparência, revelar as mediações concretas nas relações sociais que envolve o trabalho, sua concepção e execução.

Nessa perspectiva o adoecimento está na ponta, em sua forma aparente, precisamos ver as mediações concretas com sua historicidade, o trabalho da mulher, a questão do cuidado. Dentro desse contexto, cabe ressaltar que a pesquisa não possui um recorte de gênero, sendo uma pesquisa que intenciona repercutir no âmbito do professorado por melhores condições de trabalho, porém, é necessário dialogar com a presença feminina nesse campo, uma vez que são maioria na educação infantil, e a condição mulher reflete no processo de adoecimento.

---

<sup>1</sup> Opta-se por usar o termo professoras/es inicialmente considerando que na educação básica o número de mulheres é majoritário, para maiores informações <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>

Para tanto, como resistência no segundo capítulo faremos uma análise nesse sentido, para evitar silenciamentos sobre a mulher e sua especificidade na arena educativa.

Retornando, a observação realizada a partir de repetidas queixas vindas das/os colegas professoras/es, possibilitou perceber a existência de um sofrimento coletivo, claramente evidenciado pelo estado de esgotamento físico, emocional e intelectual. Tal sofrimento se confirmava pelos inúmeros atestados médicos, reclamações constantes sobre os problemas de saúde, queixas frente às novas exigências da sociedade, tais como as que envolvem os resultados das avaliações internas e externas e outras cobranças típicas do modo de produção capitalista, que afetam o contexto escolar em geral e o trabalho docente em particular. Tal situação que apresenta seu modo aparente no adoecimento instigou a compreender em que medida as políticas educacionais, o ambiente educacional e suas relações e entrelaçamento de modo não evidenciado afetam e/ou produzem o adoecimento docente. E assim nasceu o problema da pesquisa e uma inquietação no sentido de buscar leituras com vistas a compreender melhor a questão que se fazia presente no campo profissional.

A fim de verificar melhor o campo profissional, o discurso que se observa dentro da organização neoliberal é aliar as exigências da execução do trabalho numa perspectiva de mérito. Assim, o modo como o trabalho é disposto, pode por vezes, pelo trabalhador/a não ter sentido, pois a organização a qual o trabalho é feito não necessariamente está no campo da visibilidade. Assim, cria uma tendência de culpabilizar o/a trabalhador/a dentro de um discurso que sustenta a culpa em torno dele/ela mesmo/a.

Nesse sentido, o trabalho completa uma historicidade, e em nosso estudo em específico, uma relação tipicamente salarial que tende a ocultar outros elementos do mundo do trabalho, como por exemplo, a subjetividade das relações humanas, a cultura, prestígios, status, enfim, cria um imaginário na sociedade capitalista que o trabalho docente é algo simples.

Para tal, entendemos que trabalho no sentido restrito é ofício, o trabalho em sua forma mais ampla, está contido o restrito, mas permite incorporar um trabalho invisível, daí ser difícil limitar, já que incumbe atividade humana. O trabalho é atividade eminentemente humana, existe um vivido, um saber, experiência que precisam ser contemplados ao qual não devem exigir das pessoas envolvidas respostas protocolares. Em Marx (2004), está contigo essa preocupação de compreender o trabalho em sua amplitude mostrando o agente que transforma o mundo e se transforma, que os meios de trabalho, vão além do fato de serem ferramentas em si, temos elementos da cultura (patrimônio), o material e simbólico numa relação de concepção



e execução. O trabalho relaciona com os meios, que estão imersos na cultura, numa atividade orientada a um fim, com uso de objetos, sendo que nenhuma geração começa do zero, o que podemos perceber que existe uma dimensão antropológica. Reiteramos assim, que a concepção de trabalho não pode ser familiarizada como algo simples.

De início, considera-se relevante destacar que, embora a pesquisa não tenha como objetivo considerar a quantificação do adoecimento docente, notou-se, pelo menos em âmbito da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia/SME, dificuldade de acesso a dados que poderiam, de algum modo, auxiliar a pensar o presente objeto de estudo. A dificuldade não diz respeito a uma preocupação com a divulgação de dados, mas, pelo que se pode depreender a partir das falas dos servidores consultados, é que, os dados não foram devidamente registrados nos sistemas informacionais da instituição. Ainda, segundo o que se pode observar, essa dificuldade se intensificou no período da pandemia levando a uma situação de fragilidade em relação à verdadeira situação sobre o adoecimento docente no contexto da SME. Os percalços enfrentados quando das tentativas de coletas de dados, mostram que esta não é uma tarefa tão fácil para as/os pesquisadoras/es, pelo menos no que diz respeito ao presente objeto de estudo.

Com o propósito de buscar uma aproximação conceitual de modo a compreender o conceito de adoecimento docente, a presente pesquisa, considerando as análises sociológicas de Ricardo Antunes (2006a, 2006b, 2010a, 2010b), da educação com Maria José Dias (2020), psicológicas Wanderley Codo (1999, 1993) e filosóficas de Cláudio Viana (2008), dentre outros presentes no campos da educação. Assim, buscamos realizar uma reflexão histórico-filosófica <sup>2</sup> sobre o objeto de estudo adoecimento docente na contemporaneidade.

O trabalho é produção, em diversos sentidos, em linguagem figurada, seria um laço social. O trabalho constitui vida e tensiona contra ela: ou seja, o trabalho adoecce, mas retirar totalmente o sujeito do trabalho não resolve seu sofrimento, porque o trabalho produz, entre outros elementos, um envolvimento social. O trabalho não é função “rasa” na vida dos sujeitos, e para compreender a realidade e sua contradição no recorte do trabalho, é necessário a reflexão histórica-filosófica com o método do materialismo histórico-dialético. A reflexão histórico-filosófica, para nosso estudo, refere-se a pensar a exploração capitalista, no âmbito do campo do trabalho sob diversos ângulos. Um equívoco é pensar o trabalho na perspectiva do materialismo histórico-dialético em Marx (2008) em total negatividade. Para Marx (2004),

---

<sup>2</sup> Reflexão filosófica movimento do pensamento que suscita reflexões críticas e consistentes. Segundo Ulhôa (1997) implica em uma leitura rigorosa com objetivo de ver o objeto como ele é ou será, de modo a ter uma atitude crítica em relação ao objeto investigado.

o trabalho emancipa o homem, garante sua existência, o trabalho é nesse sentido criativo, emancipatória, valorativo e produz laços sociais. Quando o ser humano organiza a vida social na perspectiva capitalista, da propriedade privada, a condição do trabalho de humanização é modificada para um processo de exploração e estranhamento. É na contradição que podemos interpretar que a vida não somente se realiza dessa forma, não é dicotomia, são os inúmeros fenômenos sociais que afetam o modo do trabalho e sua contradição, e assim é, pelo método do materialismo histórico-dialético, que permite nossa leitura aprofundada.

A condição de exploração está no processo do excedente, categorizado por Karl Marx (2008), de mais-valia, uma riqueza que é produzida pelos trabalhadores/trabalhadoras que não ficam para si, é recolhida pelo dono do capital. A exploração capitalista está na formação da mais-valia. Nesse processo, ocorre o estranhamento, ao qual o trabalhador/a não se reconhece no que faz.

Mesmo Karl Marx (1818-1883), estando em meados do século XIX, permite para hoje o uso do conjunto de categorias de análise social, porque a sociedade ainda se configura nos moldes capitalistas, tendo sua base a produção de mercadorias e exploração da força de trabalho. A base da sociedade capitalista, sua produção em torno da exploração do trabalho humano permanece. Não se trata de um transporte anacrônico, mas, uma tentativa de conhecer a realidade em suas contradições. Portanto, o trabalho é uma atividade socialmente constituída, que envolve cultura e satisfação de vida, existindo um movimento organizacional, não é dicotômica e entrelaça o saber, fazer, agir, pensar, produzir.

O trabalho produz uma experiência figurada em laço social, que é uma experiência em comum, a percepção do viver uma mesma história, o que nos ajuda a entender o processo de adoecimento das professoras/es, uma vez que participam de forma semelhante das mesmas situações. Assim, a/o trabalhadora/o não somente executa – a concepção neoliberal pode até exigir – mas, o movimento da/o trabalhador/a em seu ambiente escapa dos rótulos, pois não perdemos nossa capacidade de ação.

Refletindo dialeticamente, a/o professora/o não é “mero executante”, o trabalho é mais complexo em sua dinâmica, seu interior abre possibilidades para outras ideias, existem conflitos, embates, afinidades, nossa constituição social permite outros movimentos que não são mecânicos, ou seja, é o movimento da contradição. Que mesmo num quadro neoliberal, que deveria impossibilitar, por exemplo, que trabalhadoras/es professoras/as tornassem pesquisadores/as, temos aqui, a contradição. Deveria impossibilitar, porque a concepção é de “meros executores” limitados pela ideia de meritocracia como métrica central do trabalho intelectual realizado por docentes e estudantes.

O trabalho envolve subjetividade que insere no âmbito do invisível, é histórica, inserida no campo das (re)normalizações (novas regras), nenhuma geração começa do marco zero, que pela leitura marxista é a ótica do ser agente atuando sobre o mundo fazendo sua transformação, mais do que ferramentas em si, temos elementos da cultura (patrimônio), sendo então a filosofia a mola propulsa que impulsiona para a/o pesquisadora/o trabalho para fora da concepção simplista.

No que diz respeito ao adoecimento docente, o discurso da meritocracia busca de forma ideológica modificar valores sociais situando a doença como fracasso individual do/da docente.

Desse modo, o objetivo geral da presente dissertação é, a partir de estudos realizados sobre o tema, pôr em questão o adoecimento docente na contemporaneidade de maneira a compreender, em que medida as políticas educacionais vinculadas a política neoliberal influem nas condições materiais do trabalho docente levando ao adoecimento demarcando o jogo político dado por disputas, interesses políticos, econômicos e ideológicos em vista de um projeto societal que busca conservar o modo de produção capitalista.

Segundo Viana (2008) e Dias (2020), a orientação neoliberal, presente nas políticas no campo da educação, intensifica cada vez mais, um contexto marcado pela crescente precarização das condições de trabalho docente, por um volume cada vez maior e mais sofisticado de instrumentos de controle do trabalho docente, pelo forte e contínuo discurso de desvalorização e depreciação do trabalho docente, dentre outras, compõe o quadro em que o adoecimento docente acontece. Assim, o adoecimento docente situa-se como um fenômeno social decorrente da correlação de forças.

As condições históricas são o pano de fundo que possibilita a produção e a reprodução do adoecimento docente. No entanto, esse pano de fundo não é determinação, embora seja algo dado como verdade pronta e acabada. E, não sendo determinação, se abre à dimensão das possibilidades de mudança, de busca por uma existência que não se deixe capturar pelo instituído.

Para o alcance dos objetivos propostos, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, perpassando a dimensão exploratória ao “desencadear um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar” (Köche, 1997, p. 126). Aqui, corroboramos com Gil (2002) ao mostrar que os procedimentos, instrumentos e técnicas na pesquisa científica podem oferecer outras óticas explicativas em vista da busca realizada pela/o pesquisadora/o. O que se busca “não é repetir o que já se disse ou escreveu sobre algum assunto, mas possibilitar uma nova abordagem

sobre um tema, que resulte em inovação” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). A pesquisa é de cunho teórico recorrendo a busca bibliográfica e está ancorada em estudos de autores que investigam o tema em questão, dentre eles, Wanderley Codo (2006, 2000, 1999, 1993), Rosso (2008), Kuenzer e Caldas (2009), Antunes (2006a, 2006b, 2010a, 2010b), Paulo Freire (2001, 1993), Maria José Dias (2020), Cláudio Viana (2008), entre outros .

As leituras realizadas mostram que a questão do adoecimento docente e a produção do conhecimento acerca desse assunto ganha volume após a década de 1990 no Brasil, quando os bancos mundiais entre outras agências de financiamento do país, passam de forma direta a exigir políticas educacionais de cunho economicista, trazendo para as escolas as diretrizes do mercado e, “(...) Nessa visão mercadológica e economicista, a educação é imaginada a partir das exigências do mundo da produção, da tecnologia e do consumo” (VIANA, 2008, p. 107).

Ser professora/r, seu ofício, sua *práxis*<sup>3</sup> é um trabalho que vem sucumbindo pela nova reorganização neoliberal sob a égide de uma gestão empreendedora, que cada vez mais afasta professoras/es, pais, comunidade, alunos das decisões a serem tomadas no âmbito da escola. A lógica neoliberal e as políticas educacionais que dela decorrem tratam a educação, a escola e o trabalho docente como algo instituído, mas Castoriádes (1982) nos provoca sobre a importância de reconhecer essas realidades no campo do instituinte, ou seja, algo que está em aberto, algo que está por ser feito e esta é a beleza constitutiva do trabalho de educar e formar, como lembra Brandão (1992), Coêlho (2012), Freire (2001).

O trabalho agrega o vivido no espaço em comum, em outros espaços, o trabalho reúne experiências, um saber que precisa ser contemplado, para Schwartz (2003), atravessar o universo do trabalho é encontrar histórias, as pessoas não respondem robotizadas protocolarmente. Existe uma riqueza entre o trabalho prescrito e o real, que são mobilizações de saberes que precisam ser contemplados e evidenciados uma vez que a máxima neoliberal quer impedir a visibilidade desse cenário, concedendo o trabalho como prescrição e execução.

Nisso, Antunes (2002) apresenta o tripé (que alimenta a força de trabalho): capital financeiro, pragmatismo neoliberal e estruturação produtiva, salientando que a resistência dos

---

<sup>3</sup> [...] O sufixo –sis significa ação, ato propriamente dito, ao passo que o sufixo –ma significa o objeto ou resultado da ação, o que foi feito. A *prâksis* é a ação propriamente dita, no sentido de ato, em oposição a *prâgma*, objeto ou resultado da ação. A *prâksis* é o ato de realizar algo, modo de ser e agir .” (COÊLHO, 2012, p. 26 )

trabalhadoras/es da educação exige discussões e posicionamentos que possam deixar claros as tensões e disputas, que por um escopo de ideologia burguesa, são naturalizadas.

Considerando

A história das últimas décadas tem sido a de uma sociedade que muda e que revela a perplexidade humana diante de um mundo marcado pela velocidade das imagens, dos sons, da comunicação. As relações entre os homens se esvaem pelos meandros de uma sociedade competitiva e individualista, mas que, contraditoriamente, nos obriga a ser múltiplos, ilimitados e universais. Em todos os âmbitos, as mudanças engendradas por esse modelo social parecem influenciar o modo de ser e existir de cada pessoa, onde quer que ela esteja, seja ela quem for (VIANA, 2008, p.106-107).

Desse modo, a presente reflexão fundamenta-se na compreensão do movimento material da vida em sociedade, o qual surge de uma determinação ontológica da realidade social sobre a consciência. Nessa perspectiva, a leitura da realidade humana apreende um todo em torno de uma unidade dialética, construído objetiva e subjetivamente pelo ser social. Essa leitura da realidade, no caso específico, a busca pela reflexão sobre o adoecimento docente na contemporaneidade, supõe a aproximação conceitual como condição indispensável para o movimento do pensamento para apreensão do objeto de estudo. Assim, considerando que a centralidade deste trabalho é pôr em questão o tema adoecimento docente com intuito de apreendê-lo em sua dimensão social, bem como contribuir para fortalecer o debate sobre esse tema no campo da educação, passa-se a mostrar como se deu a aproximação da pesquisadora com o objeto de estudo.

Como um primeiro movimento em direção ao trabalho de pesquisas, buscou-se no sistema de filtro da Capes para escolhas de teses, e com as leituras das palavras-chave e resumos, fez-se um recorte sobre o tema adoecimento docente na primeira fase de escolarização. O primeiro filtro concentrou-se em delimitar a grande área, a de ciências humanas e definindo como área de conhecimento a educação e área de avaliação e concentração, também a educação. Para que a busca contemplasse a delimitação temporal, ou seja, a contemporaneidade, o período selecionado foi definido entre 2010 e 2020, ao qual encontramos 1363 teses. Pensou-se em novo recorte na questão temporal e ficou definido de 2016 a 2020, porém, excluiria duas teses interessantes, desse modo, a seleção permaneceu com período de 2010 a 2020 e as leituras dos resumos direcionaram a seleção na medida em que atendiam aos nossos objetivos. Foram selecionadas três teses, sendo uma do estado de Goiás, para análise e reflexão. As teses trabalham dentro da mesma linha interpretativa do adoecimento, a saber: o neoliberalismo e seu recorte economicista para a arena educacional.

A pesquisa será explicitada da seguinte forma: Introdução, três capítulos e Considerações Finais. No primeiro capítulo *Reflexões sobre o trabalho docente na sociedade capitalista* busca-se apresentar o trabalho como atividade eminentemente humana situado historicamente. Faz-se uma contextualização da sociedade capitalista de modo a evidenciar que a sua estrutura é constituída por contradições e desigualdades e a sua existência tem como marco a exploração da força de trabalho humano. Essa breve incursão tem como objetivo mostrar o contexto em que o trabalho docente se realiza de modo a trazer à luz as condições materiais de realização deste trabalho. No segundo capítulo *Aproximações sobre o conceito de adoecimento docente* retomamos o conceito em questão à luz de autores que discutem o tema nas perspectivas sociológicas, psicológicas e filosóficas. O objetivo nesse capítulo consistiu em elaborar uma reflexão histórico-filosófica sobre o tema. No terceiro capítulo *Do adoecimento docente à confirmação da humanização* trouxemos uma reflexão que considera a realidade dada para além da ideia de determinação. O desafio nesse capítulo é o de reconhecer as condições materiais de produção e reprodução do adoecimento docente e, para além dessa realidade, pensar as possibilidades e limites do exercício da liberdade de pensamento em vista da confirmação da humanização tanto do/da docente quanto do estudante. Por último, as *Considerações Finais* com vistas a mostrar as possibilidades e limites do caminho percorrido, os achados da pesquisa e as questões que se manifestaram latentes, mas, que pelo recorte definido na pesquisa, serão pesquisadas num futuro próximo, quem sabe em um trabalho de doutoramento.

## CAPÍTULO I

### REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE NA SOCIEDADE CAPITALISTA

*Primavera nos dentes*

*João Apolinário e João Ricardo*

*Quem tem consciência para ter coragem  
Quem tem a força de saber que existe  
E no centro da própria engrenagem  
Inventa a contra-mola que resiste*

*Quem não vacila mesmo derrotado  
Quem já perdido nunca desespera  
E envolto em tempestade, decepado  
Entre os dentes segura a primavera*

O mundo do trabalho, como mostra Harvey (1999), vem sofrendo intensas mudanças na sua organização, as quais podem ser atribuídas a marcos históricos e transformações técnico-científicas como a crise do modelo fordista-taylorista<sup>4</sup>

Cabe aqui uma reflexão sobre o modelo fordista-taylorista, o qual a concepção de modelo de trabalho reconfigura, mas ainda permanece ou ainda, se prolonga nos dias de hoje, sob diversas formas de controle que ao fundo é o raciocínio taylorista. O fordismo-taylorismo atravessa as formas modernas do trabalho e naturaliza nosso olhar sob sua concepção de que trabalhar é executar, cumprir algo prescrito, por isso ser de fácil execução.

Vejamos alguns documentos, disponibilizados em sua íntegra como anexo nessa dissertação, da Secretaria Municipal de Educação para exemplificar como o trabalho do/da docente vem sendo gestado como mero executor.

#### QUADRO DE DOCUMENTOS SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO 2022/2023

| DOCUMENTO                        | NOME DO DOCUMENTO | ANO  |
|----------------------------------|-------------------|------|
| (A)Guia do programa para reforço | Reforço Escolar   | 2023 |

---

<sup>4</sup> Como fonte para pensar o modelo fordista-taylorista, sugerimos os seguintes textos para consulta: TAYLOR, F. W. Princípios da administração científica. 8º ed. São Paulo: Atlas, 1990. (seção II, p.37-67); CANGUILHEM, G. Meios e normas do homem no trabalho. Proposições, v.12, n.2- 3, p. 109-121, Campinas, jul.-nov. 2001.; VATIN, F. Uma ciência tayloriana do trabalho? (Henry Le Chatelier, Jules Amar, Jean-Maurice Lahy, Émile Belot). In: VATIN, François. Epistemologia e sociologia do trabalho. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (p.117-143). De produção, introdução de novas tecnologias e extrema competitividade entre as empresas.

|                                         |                                                                           |                     |
|-----------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------|---------------------|
| (B)Ofício Circular N° 254/2022 – DIRPED | Caderno de Prova da Avaliação Semestral do Programa Alfabetização em Foco | 28 de julho de 2022 |
| (C)Ofício Circular N° 172/2022 DIRPED   | Material Estruturado Aprender Sempre                                      | 10 de maio de 2022  |
| (D)Ofício Circular N° 193/2022 – DIRPED | Programa Aprender Sempre                                                  | 20 de maio de 2022  |
| (E)Ofício Circular N° 138 – DIRPED      | Esclarecimentos sobre o Simulado do Núcleo Diversificado                  | 23 de março de 2023 |

Fonte: Construído pela pesquisadora

Esses documentos circulam um núcleo comum de prescrever sobre o trabalho das/dos professoras/es, ou seja, cabe agora somente sua execução com uma racionalidade taylorista de fim/objetivos a serem alcançados, de forma mecânica, desconsiderando toda uma biografia de alunos e docentes e da própria escola. Para Taylor (1990) o tempo não deve ser negociado, não é dado a possibilidade de pensar, somente de executar, por isso disciplinar ritmos e tempos. O tempo tem que ser pensado para render o máximo possível. Podemos notar (resguardado a historicidade taylorista-fordista), que a máxima ou ainda, o ideário taylorista permanece, existe uma sistematização do tempo sem negociação e sem abrir espaços para empreender debates, como, por exemplo, sobre o porquê de somente as disciplinas português e matemática serem contempladas, sobre a possível conformação social advinda desse projeto, sobre qual o sentido da escola. É um gerenciamento feito por cima, feito por alguém que vai arbitrar, dando a entender uma clara separação entre planejamento e execução.

Considerando a dimensão dialética da história, percebemos que mesmo com os ditames de executar, o trabalhador/a concebe o trabalho o tempo todo, formação e experiência estão na/o trabalhador/a que realinha a dinâmica da concepção de execução. O trabalho não marca somente e exclusivamente a execução restrita ao prescrito, vejamos o documento (E).

No documento (E) ocorre uma resistência ao modo restrito de prescrição do trabalho, ocorreu forte questionamento por parte das/os professoras/es, ao qual vemos que, não é necessário somente organizar o que seria um “bom trabalho”, é necessário ter sentido e



reconhecimento, o ser humano é complexo e a relação não é linear, por esse motivo o adoecimento. O ser humano em sua complexidade não pode ser subordinado a um conceito. A escola não funciona mecanicamente, sendo que o valor puramente econômico não dá conta da vida social. É necessário relacionar sentidos, significados, e o enrijecimento dessa relação (indiferença) resulta numa relação de adoecimento.

Desse modo, a fita métrica industrial na concepção de gestão, no intuito de “medir” o trabalho docente na tentativa de uniformizar, não sedimenta o trabalho escolar. No bojo, a compactação da gestão fordista-taylorista com o processo neoliberal busca incessantemente medir e avaliar o trabalho docente, criar regras quantitativas que possam ser naturalizadas em seu interior, como as avaliações padronizadas para medir um desempenho, colocar o ensino como treinamento para provas, ocasionando uma redução da escola, e seu “empobrecimento”, ao qual, algumas disciplinas que não fazem parte do rol das provas, vão perdendo espaço na grade curricular (formal ou não), tensionando o estreitamento do currículo para provas específicas.

Nesse sentido, "As crises financeiras servem para racionalizar as irracionalidades do capitalismo. Geralmente levam às reconfigurações, novos modelos de desenvolvimento, novos campos de investimento e novas formas de poder de classe" (HARVEY, 2010, p.18).

O capitalismo busca continuamente a sua manutenção e reprodução. Assim, as crises que poderiam servir para o fim do capital fizeram com que se ordenassem em novos projetos, e para o contexto de análise, pós 1990, a organização do trabalho era um impeditivo de sua acumulação. Na contemporaneidade, em elos com o advento da globalização exige a necessidade de reprodução do capital segundo novos moldes que, por sua vez, ditam e exigem mudanças também relacionadas à competitividade a nível mundial. Harvey (2010) argumenta que tais mudanças não são restritas ao mundo empresarial, tão pouco se restringem aos trabalhadores/as objeto deste estudo, que agora, em condições de trabalho flexibilizado e sujeitos à ideologia neoliberal, são lançados em um novo modelo de trabalho encampado pela chamada acumulação flexível do capital.

Observa-se que a vigência do projeto neoliberal, com seus enormes significados na estruturação jurídico-política e ideológica, e o processo de reestruturação produtiva do capital acabaram acarretando enormes consequências no interior da classe trabalhadora, “(...) Pode-se destacar a ausência de regulamentação da força de trabalho, a amplíssima flexibilização do mercado de trabalho e a consequente precarização dos trabalhadores, particularmente no que concerne aos seus direitos sociais” (ANTUNES, 2010a, p. 91). Essas mudanças, até mesmo as advindas do aparato tecnológico, em sua versão digital, não são para findar o

trabalho humano, pois é ele que gera riqueza, e sim alocar a acumulação do capital no processo de reestruturação produtiva.

Para não inviabilizar o projeto neoliberal de acumulação do capital, que explora o trabalhador, reificando, o trabalho fetichizado e estranho está no bojo da ideologia neoliberal, fazendo com que possamos difundir um trabalho docente heroico sem considerar as reais condições da vida laborativa destes.

A compreensão de ideologia neoliberal parte dos princípios dados pelo liberalismo, mas, que tendo o contexto do final do século XX e início do século XXI, esses princípios são reordenados de modo que a superestrutura consolida a transformação do capitalismo, fazendo com que a sociedade permaneça estratificada, e quase sem mobilidade social. Desse modo, até mesmo o/a professor/a, que, de acordo com Marx (1989) realiza um trabalho improdutivo,

ou seja, que à primeira vista não geraria lucro, é enredado nesse sistema, estando no perfil da “classe-que-vive-do-trabalho” como tão bem sinaliza (ANTUNES, 2003, p. 104). Na verdade,

(...) a classe trabalhadora engloba também os trabalhadores improdutivos, aqueles cujas formas de trabalho são utilizadas como serviço, seja para uso público ou para o capitalista, e que não se constituem enquanto elemento diretamente produtivo, enquanto elemento vivo do processo de valorização do capital e de criação de mais valia. São aqueles em que, segundo Marx, o trabalho é consumido como valor de uso e não enquanto trabalho que cria valor de troca. O trabalho improdutivo abrange um amplo leque de assalariados que não criam diretamente valor. São aqueles que se constituem em trabalhadores não-produtivos, geradores de anti-valor no processo de trabalho capitalista, mas que são necessários para a sobrevivência do sistema (ANTUNES, 2013, p.49).

Não se trata aqui de atribuição de uma nova classe, mas da ampliação do conceito marxista de classes, que permite a melhor compreensão das novas dinâmicas e complexidades que envolvem o novo proletariado, neste caso, o/a docente. Compreender, contemporaneamente, a classe-que-vive-do-trabalho de modo ampliado, como sinônimo da classe trabalhadora, permite reconhecer que o mundo do trabalho vem sofrendo mutações importantes. São essas mutações que, ao reorganizarem o universo educacional - exigindo novas práticas educacionais e até mesmo tarefas que não são inerentes ao trabalho docente, sob o discurso da meritocracia -, desconsideram aspectos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem, ao passo que intensificam, potencializam e aceleram o adoecimento docente, realidade que se expressa, por exemplo, no recorrente rápido e frequente, a evasão, e o afastamento do/a professor/a daquilo que seria as condições materiais favoráveis para a realização de sua responsabilidade profissional.

Opondo-se ao contra-poder que emergia das lutas sociais, o capital iniciou um processo de reorganização das suas formas de dominação societal, não só procurando reorganizar o processo produtivo em termos capitalistas, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia nas mais diversas esferas da sociabilidade. Por exemplo, no plano ideológico, isso foi feito através do culto de um subjetivismo e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo e exacerbado contra as formas de solidariedade e de atuação coletiva e social (ANTUNES, 2006a, p. 24).

O campo ideológico cultural<sup>5</sup> na dissipação de valores dada pela meritocracia criou uma hegemonia a qual, o/a professor/a e demais trabalhadores não podem questionar as formas de trabalho, já que são “livres” para escolher o que querem fazer. Esse campo ideário, tensiona ainda mais o adoecimento docente, fazendo com que a doença não física, prioritariamente, seja considerada uma fraqueza individual.

A década de 1990, segundo Antunes (2006a) é emblemática no que diz respeito a introdução de estratégias em vista da reestruturação produtiva, sobretudo no campo da educação. Tais estratégias foram introduzidas por meio de projetos políticos, econômicos e sociais em vista de efetiva sintonia entre as políticas econômica e social no contexto nacional e a ordem econômica mundial. Esse contexto foi o que o mundo empresarial se abriu à lógica do Toyotismo<sup>6</sup> e crescente abandono do Fordismo, sem que houvesse uma completa ruptura com esse último, como bem destaca Alves (2010) e Lessa (2011). Por assim dizer, a reestruturação produtiva é uma forma de enfrentamento da crise do capital que se agrava a partir da década de 1980.

O enfrentamento da crise lançou mão de bens culturais do próprio contexto de modo a favorecer seus interesses. Foi o caso, por exemplo, da proeminência da microeletrônica, da informática e da robótica, enfim, utilizada como estratégia e que, ao fim e ao cabo, resultou em diminuição de posto de trabalho, intensificação do trabalho, precarização das condições de trabalho, dentre outros. Mas, o que há de peculiar nessa forma de organização do trabalho é a incorporação da dimensão subjetiva do trabalhador no que diz respeito à realização do trabalho em condições que lhe são desfavoráveis. Isso ocorre porque

---

<sup>5</sup> Refere-se ao conjunto de ideias, valores, hábitos, comportamentos esperados, que são divulgados pelos donos dos meios de produção como universal, únicos e possíveis e estes são assimilados pela grande maioria como corretos e inquestionáveis, reproduzindo-os sem questionar. Para Marx (2002), a ideologia em sua base, produz e reproduz a sociedade, não é qualquer ideia, mas é a ideia que oculta a realidade, que não revela as mediações, não somente ocultando, mas produzindo e reproduzindo a dominação/exploração/desigualdade.

<sup>6</sup> modelo de produção flexível, com novas plataformas de gestão, de trabalho em equipe em contraposição ao modelo rígido fordista

[...] a “captura” da subjetividade do homem que trabalha nexo essencial do Toyotismo enquanto, diálogo orgânico da reestruturação produtiva sob as condições históricas do capitalismo produtivo manipulatório, ocorre por meio de *escolhas pessoais* sob condições sistêmicas constrangedoras, implicando, desse modo, consentimento espúrios construídos sob efeito do trabalho ideológico. A “captura” da subjetividade do homem que trabalha é uma *escolha pessoal alienada*, sendo um tipo de servidão voluntária de agentes/sujeitos de classe. Ela opera um nexo psicofísico de novo tipo que implica dimensões inconscientes e pré-consciente da alma humana. Enquanto efeito do trabalho ideológico, a “captura” da subjetividade do homem que trabalha significa a despersonalização do trabalho vivo por meio de dispositivos de desconstrução da pessoa humana (como por exemplo, os processos sub-reptícios de culpabilização de vítima) (ALVES, 2010, p. 45).

O individualismo e a competitividade, caráter ideológico dessa estratégia, fazem com que o/a trabalhador/a não se reconheça como pertencente a uma classe – a classe trabalhadora – que ele não se identifique com os demais trabalhadores, e isso propicia o fortalecimento da lógica da exploração, da acumulação, do avanço e aprofundamento de uma forma de organização do trabalho centrado na ideia de circulação e acumulação do capital financeiro.

Como assevera Alves (2010), o Toyotismo tem essa capacidade de desviar o olhar do trabalhador daquilo que ele é. O autor denomina essa capacidade de “manipulação reflexiva”, quer dizer, sujeição do/a trabalhador/a à lógica das regras do processo de reestrutura do capital. O extremo dessa sujeição manifesta-se na apropriação de responsabilidades que não tem a ver com o escopo do trabalho que realiza. No caso do/a professor/a, graças a um sofisticado sistema de controle, sobretudo por meio das avaliações e todo o conjunto de burocracia ao qual está submetido, essa prática tem se tornado cada vez mais comum. E, esta pode ser uma das causas do adoecimento docente.

Assim, “todas as dimensões que o trabalho consome precisam ser levadas em consideração para, dessa forma, chegar a um entendimento compreensivo da questão da intensidade” (ROSSO, 2008, p. 39). Essa intensidade atinge a subjetividade da categoria docente, pois atualmente cada vez mais se exige seu esforço físico, mental e intelectual para realização de suas atividades, isso implica em envolvimento emocional, atração ou repulsa, alegria, prazer e desprazer, conforto e dor, enfim, em processos que vinculam o trabalho a matrizes profundas das emoções e vicissitudes humanas, podendo assim, desencadear doenças físicas e/ou psíquicas.

Nesse contexto, o olhar sobre o/a professor/a e sua saúde física e emocional, ganha notoriedade recente. Como construção desse entendimento, Rêses (2008) afirma que a intensificação do trabalho docente pós década de 1990, modificou profundamente o ambiente e as condições dispostas para esses profissionais, posicionando-os tais como proletários, com

o agravante da acentuada perda de direitos sociais historicamente conquistados, do ritmo do trabalho intenso, insegurança na garantia de manter-se no emprego, que os mantêm em situação de dor e sofrimento constante, fatores que interferem diretamente na prática docente. Assunção (2003) corrobora tais afirmações ao mostrar que as condições de trabalho, somadas a falta de reconhecimento social da referida profissão sem um elevado *status* social, e o progressivo aumento das responsabilidades, principalmente, pós 1990, tanto redimensiona o labor docente quanto incide no adoecimento.

Reinhold (2004) analisa que antes de 1990 era comum nos cadastros de afastamentos dos/as professores/as, a motivação ser majoritariamente dada por aspectos físicos (perda de voz, rouquidão, dores musculares, etc.), e que após a chamada reestruturação produtiva, as condições de trabalho tornaram-se agentes estressores, implicando não somente em adoecimento físico, mas, psíquico, propiciando a incidência de doenças como estresse, depressão, ansiedade, pânico, Síndrome de *Burnout* e outros distúrbios mentais.

Rêses (2008) ressalta que a atual sociedade, em projeto de reprodução capitalista, pós era fordista, é extremamente complexa, e as relações no mundo do trabalho são meticulosamente articuladas em prol do lucro e da expansão do capital em escala mundial. Nesse contexto, os impactos na saúde do trabalhador podem ser sentidos durante toda a sua vida. Isso significa dizer, que o trabalho, em senso comum elaborado como código que dignifica o homem, na realidade também o adocece, retira dos trabalhadores a alegria, seu tempo de lazer, sua vitalidade. Saúde e doença fazem parte da trajetória da vida do ser humano, porém, cabe frisar que promover condições reais de saúde, não é exclusivo do indivíduo, pelo contrário, envolvem políticas públicas, legislações, ações que preconizam as condições necessárias para a realização do trabalho.

Em quadros maiores, o desconforto físico e psíquico dado pela intensificação do trabalho e o desemprego (que valida o medo de dizer que está doente), “corrói a saúde mental dos trabalhadores, progressiva e inevitavelmente, tal como o carvão que enche os pulmões do mineiro acometido de silicose” (DEJOURS 2009, p. 94).

As exigências e normativas que, todavia, reclamam a existência de um professor idealizado - proativo, eficiente, eficaz, um executor de tarefas pré-definidas -, para realizar um processo educativo com qualidade, e de outro lado os estudos que comprovam o adoecimento físico e psíquico advindos das intensas mudanças no mundo do trabalho, evidenciam possíveis dificuldades de adaptação por parte dos/as professores/as, que conhecendo o ofício, a *práxis* docente não se reconhecem no trabalho executado.

A formação continuada dos profissionais em educação precisa ser construída com a incorporação dos valores da sua ação educativa, e não um operário produtivo. A inexpressividade do seu papel social e político, a sua *práxis* sendo reduzida a ideia de executor de tarefas impactam em suas condições de trabalho e causa adoecimento. Esses quadros não são facilmente desmistificados, é necessária uma busca e relacionar os cursos de formação continuada disponibilizados aos docentes, os objetivos dados e os não revelados, e o financiamento, bem como entender a empresa captada/licitada para esse fim. O neoliberalismo - projeto em vista da reestruturação produtiva - é complexo, portanto, não se deixa apreender facilmente.

E ainda, considerando o tempo reduzido para planejamento das aulas, projetos, pesquisas e demais atividades e enredado por estratégias de diretividade e de controle no que diz respeito ao trabalho. Há sempre o risco da perda do sentido do seu trabalho e a consequente alienação em relação ao trabalho que realiza.

Por alienação

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. (...) Este fato nada mais exprime, senão: o objeto (*gegenstand*) que o trabalhador produz, o seu produto, se lhe defronta como um ser *estranho*, como um *poder independente* do produtor. O produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachlich*), é a *objetivação* (*vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*verwirklichung*) do trabalho é a sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece ao estado nacional-econômico como *desejetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto e servidão ao objeto*, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entausserung*). (MARX, 2004, p.80)

A partir do explicitado infere-se que a sociedade capitalista produz alienação, na medida que naturaliza a relação entre objeto-sujeito, e quem realiza o trabalho está alheio ao que produz. A sociedade capitalista produz alienação no sujeito pelo modo de produção. O modo de produção no capitalismo se realiza pelo não reconhecimento do trabalho pelo trabalhador/a e pela coletividade. A objetivação do ser humano pelo trabalho transforma a natureza do ser, numa relação de interiorização e exteriorização. Somos seres de necessidade, que precisa inclusive do trabalho do outro/a os/as. A capacidade de produzir, recolher o trabalho socialmente produzido, que vai ser o trabalho estranhado na sociedade capitalista. Não é uma mera relação de causa e efeito. Temos que revelar as mediações concretas nas relações.

Assim, o adoecimento é o que está na aparência, é o que se deixou ou permitiu se ver, para ver suas mediações concretas é necessário na historicidade captar as contradições, que

vamos refletir no desenvolver desta dissertação, para, nessa perspectiva, perceber que o capital produz na sociedade e internaliza no sujeito, um processo oculto, faz o trabalho cada vez mais desefetivado, porque, cada vez mais é menos prazer, reduzindo o gosto pela sua práxis, vontade de estar naquele ambiente, o reconhecimento pela realização do trabalho vai sendo reduzido pela objetivação, como por exemplo, as premiações por produtividade. Assim, a produção da sociedade que na sua base for capitalista, já produz alienação, e dessa forma, a transformação é dialética: o ser humano rompendo e criando rupturas na sociedade capitalista.

Em consonância com essa compreensão sobre o trabalho na sociedade capitalista, Saviani (2007) argumenta que a política pública de esvaziamento e enfraquecimento da formação continuada, aliada à lógica de excesso de atividades, péssimas condições de trabalho e alienação provoca impactos negativos na vida dos profissionais e afirma que

[...] cabe insistir na íntima relação entre formação e trabalho docente deixando claro que a questão de formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolve a carreira do magistério em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões de salário e da jornada de trabalho. [...] Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados (SAVIANI, 2007, p.75).

Por esse motivo, proletarizar as condições do trabalho docente, num contexto em que, de modo aprofundado e ampliado o/a professor/a perde a autonomia do seu ser e do seu fazer, não se reconhece naquilo que produz, pois, é chamado a realizar seu trabalho à luz do mercado e, como mostra Marx (2002) é nesse processo de alienação e perda de si que o trabalhador vai tornando-se uma mercadoria. Perde-se então a essência do seu trabalho e a natureza humana é reificada. Neste ínterim, convêm afirmar que somos cientes que se trata de um momento histórico específico, situado no final do século XX e início do século XXI, quando a sociedade capitalista experimenta a exacerbação da presença e uso de tecnologias digitais, o fenômeno da globalização, no qual o reclame é por um profissional flexível, polivalente, eficiente e eficaz, de fácil troca no mercado, assim como no mundo das mercadorias.

Dessa forma, os argumentos ora apresentados coadunam-se com Alves (2010), que utiliza a expressão *manipulação reflexiva* para mostrar a retirada do trabalhador de sua natureza, e por meio de técnicas de manipulação via hierarquia de poderes, aloca os trabalhadores em uma arena devassa, que os desconstrói como sujeitos. A *manipulação reflexiva* por desconstruir o ser em sua essência, o (re)constrói pela lógica da gestão do capital, internalizando os interesses dessa nova organização subjetivamente. Subconscientemente, a *captura* desses ideais, em grande escala, modela os trabalhadores para

o rol das novas projeções exigidas no mundo do trabalho, dificultando uma visão crítica sobre as cruéis sujeições a que estão progressivamente sendo submetidos. Neste ditame, não se objetiva o fracasso, mas o competente, o forte, o merecedor, o que dificulta e, em certos casos, inibe que o/a professor/a assuma suas dores e frustrações. Fundamentada em Marx (2004) no que diz respeito a questão da alienação em relação ao trabalho, parece correto inferir que muitos/as professores/as não chegam nem mesmo a reconhecer suas dores e frustrações, quer dizer, não têm consciência do processo de submissão e consequente estado de adoecimento ao qual estão passando.

Para Libâneo (2001), os/as professores/as começam a mecanizar suas atividades, dentro do chamado “professor tarefeiro”, não interagem e não encontram ânimo para realmente pensar e organizar suas aulas, projetos, apenas trocando as datas e aplicando novamente as atividades para as novas turmas, sem uma efetiva reflexão sobre o trabalho que realizam, sobre o perfil da nova turma, apenas reproduzem suas aulas sem nenhum acréscimo qualitativo. Diante desse quadro, profundamente marcado pela lógica do fazer, do executar, o trabalho educativo vai se esvaziando de sentido e se distanciando dos seus fins e é justamente nesse movimento que o adoecimento docente tem sido produzido. Dessa forma, percebe-se que a Educação apresenta uma série de impasses que podem ter um forte impacto na saúde do/a professor/a, adoecendo-o. Faz-se, então, necessário refletir sobre o que é o adoecimento, bem como os tipos de adoecimento que acometem os/as professores/as.

No bojo das configurações e reconfigurações, ou seja, no contexto da reestruturação produtiva, a crise é um elemento fundante do modo de produção capitalista. A partir das leituras realizadas até aqui, é possível inferir que a crise como elemento fundante se dá em virtude da estrutura do capitalismo ser constituída por contradições e desigualdades inerentes a esta forma de organização do modo de produção, mas sobretudo, de produção do modo de ser do homem.

É ponto pacífico que, no Brasil, a reestruturação produtiva, conforme sinaliza Antunes (2006b) significou e significa descomunal aumento da produtividade, retração da mão-de-obra, intensificação e ampliação da precarização das condições de trabalho, crescente violação de direitos trabalhistas historicamente conquistados pelos trabalhadores, expressiva e vergonhosa elevação da exploração da força de trabalho de crianças, jovens e mulheres. Na esteira da análise feita pelo autor, pode-se incluir a situação mais recentemente, com o advento e intensificação da uberização, uma perversa exploração dos trabalhadores em escala absurda, situação que tem conduzido a um quadro de precarização e vulnerabilidade dos trabalhadores nunca visto na história do país.



A base do modo de produção não foi alterada, ou seja, a exploração do trabalho. A estrutura continua, com intensificação do trabalho ocultando o conflito de classe, que em nosso caso, o campo docente, com a fragmentação da categoria e com o discurso de amor pela profissão, da ideia ilusória de liberdade de escolha, da burocratização dos sindicatos e seu consequente enfraquecimento, as reformas do plano de carreira do magistério, perde a visibilidade do conflito, deixando as desigualdades sociais em medidas paliativas, a chamada uberização dada por Antunes (2006b).

A uberização a qual Antunes (2006b) se debruça não é sobre a empresa UBER em si, mas, como o modelo de organização do trabalho desta se disseminou para todos os campos, com o uso massivo de plataformas e uma fragilidade jurídica, no que diz respeito a proteção dos direitos trabalhistas, a saber: o fim das proteções trabalhistas pela égide, principalmente, do empreendedorismo, o que leva a uma jornada extensa, sem horários definidos de entrada e saída, ou seja, o trabalho é incessante, uso de aplicativos como forma de vigilância sob a responsabilidade do próprio trabalhador, que terá que apreender, manter e obter de forma individual esses instrumentos de trabalho. O que Antunes (2006b) demonstra é que a relação capital-trabalho de exploração permanece, porém, agora o sujeito não está em sua totalidade dentro das fábricas, a exploração atinge até mesmo esse ser em sua casa, em seus momentos de lazer, ou seja, uma exploração vigiada pelos aplicativos.

Essa nova organização do trabalho que articula emprego, serviços prestados e tecnologia cria um imaginário sobre o/a trabalhador/a, de uma persistente concepção de que o trabalho é simples, é fácil.

Dessa forma, a docência ganha ares de trabalho fácil, fragmenta o poder de luta das/os professoras/es uma vez que estão cada vez mais fragmentados, a entrada de professores/as sob a égide de um novo sistema trabalhista (temporário, substituto, horista, tutor e afins), redimensiona o adoecimento, ocultando suas mediações, sendo resolvidas com medidas paliativas, como a bonificação para quem não apresentar atestado médico, por produtividade, por mérito.

Diante das mudanças “(...) o professor depara, frequentemente, com a necessidade de desempenha vários papéis contraditórios que lhe exigem manter um equilíbrio muito instável em vários terrenos” (ZARAGOZA, 1999 p. 31), ou seja, aprisiona o/a docente dentro de inúmeros significados para sua atuação que o lhe resta é um mal-estar ao qual não consegue desvencilhar pois é um ser reificado (MARX, 2004).

Entendendo aqui a reificação dada por Marx (2004) que compreende que temos o homem/mulher livre para vender sua força de trabalho como mercadoria, que encontra na sua

atividade laborativa uma extrema racionalidade objetivando sua individualização no seu fazer, agir, pensar, sentir. Assim, adoecer, sentir mal-estar, e curar é dever singular e isolado de cada um.

Para melhor entender essa corporificação na sociabilidade que desumaniza o/a docente, o segundo capítulo propõe uma aproximação sobre o conceito de adoecimento docente.

## CAPÍTULO 2

### APROXIMAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE ADOECIMENTO DOCENTE

*“Dei gritos de dor, e de cólera, pois a dor parece uma ofensa à nossa integridade física. Mas não fui tola. Aproveitei a dor e dei gritos pelo passado e pelo presente. Até pelo futuro gritei, Meu Deus”*

Clarice Lispector

Especialmente nas cinco últimas décadas, os/as professores/as – em decorrência do amplo movimento de reestruturação produtiva responsável por elevar o aprofundamento das formas de alienação e subsunção real do trabalho ao capital, como procurou-se mostrar no capítulo anterior – têm sido cada vez mais submetidos à determinadas estruturas e estratégias de gerenciamento político e ideológico, capazes de propiciar maior estranhamento em relação ao ofício que realizam e maior esgotamento das suas capacidades humanas de desenvolver o trabalho educativo no âmbito da escola e da universidade.

A reestruturação produtiva, como argumenta Harvey (1999), decorre do processo de intensas transformações técnico-científicas, que avançaram em função da crise do modelo fordista de produção, do amplo desenvolvimento da microeletrônica e das tecnologias de informação e comunicação, correspondendo às necessidades do capital de ampliar suas formas de acumulação e reprodução.

Nesse contexto, o/a professor/a, mesmo realizando um trabalho compreendido como improdutivo - aquele que, como explicitou Marx (1989), à primeira vista não geraria lucro -, torna-se impactado direta ou indiretamente por novas demandas comuns à classe-que-vive-do-trabalho. Para Antunes (2013), o termo classe-que-vive-do-trabalho é uma ampliação do conceito de classe dominada. Visto que o contexto descrito por Marx difere do contexto atual em que o capital financeiro tem expressiva centralidade no sistema capitalista. É uma forma de compreender a classe trabalhadora nos dias atuais, sem perder a noção de classe, dando um alargamento para conter os processos e transformações no mundo do trabalho, refutando já de imediato, que o trabalho perdeu sua centralidade, o ser humano se constitui pelo trabalho, mesmo com as diversas mudanças, em específico na década de 1990, o trabalho ainda permanece atividade necessária.

As alterações significativas no sentido atribuído à educação, à escola e à universidade, associando-as à lógica e aos valores do mercado e dos interesses da ideologia neoliberal ascendente na Inglaterra a partir da década de 1980 e a partir da década de 1990 no Brasil.

Essa configuração passou a exigir do/a professor/a novas práticas educacionais, submetendo-o à regras e formas de trabalho caracterizados pela precarização e intensificação,

mas organizados a partir de um discurso otimista explicitado por *slogans* e discursos persuasivos para garantir do/a professor/a subserviência e a defesa pelos valores próprios da economia de mercado como mérito, prestação de serviço com eficiência, alto rendimento, formação técnica e inovadora, entre outros, como argumentam Oliveira (2004); Shiroma e Santos (2014).

O movimento de intensificação e precarização do trabalho tem atingido diretamente a subjetividade do/a professor/a, cada vez mais exige-se seu esforço, físico, emocional e intelectual para a realização de suas atividades – mas, ao mesmo tempo, dificultando que o trabalho educativo seja realizado com autonomia –, implicando maior envolvimento emocional, responsável por gerar a convivência permanente com a dualidade de sentimentos ligados à atração ou repulsa, satisfação ou insatisfação, conforto ou dor no que diz respeito ao trabalho. Na esteira dessa discussão, Kuenzer e Caldas (2009) argumentam que tais fatores podem desencadear processos de esgotamentos mais profundos, culminando no aparecimento de doenças que, mesmo sendo classificadas como de ordem físicas e/ou psíquicas, afetam a integridade do/da docente e sua saúde em sentido amplo.

A/o professor/a tem sido submetido à condições de trabalho que, em boa medida, confirmam o crescente processo de negação do seu sentido humano e ontológico, como resultado do avanço e aprofundamento do trabalho alienado, que o afasta, enquanto ser social, da possibilidade de exercício da autonomia e da liberdade, dimensões constitutivas do trabalho educativo como assevera Coêlho (2011).

Este direcionamento e controle progressivo, segundo Rêses (2008), é o que tem impactado na saúde do/a professor/a, assim como do trabalhador que vende sua força de trabalho, adoecendo-o e enfraquecendo a possibilidade de realização no e pelo trabalho. No caso do/a professor/a, a situação é mais complexa, pois se trata de trabalho imaterial que supõe a liberdade do pensamento, a autonomia e, com base nos estudos realizados nessa pesquisa, é possível compreender que tudo aquilo que configura uma tentativa de cerceamento dessa liberdade, no sentido de realização do trabalho, contribui fortemente para o quadro de adoecimento do/a professor/a.

Este entendimento sobre enfermidades que acometem os/as docentes permite inferir, que, apesar de se manifestar subjetivamente, o adoecimento não é do indivíduo, mas sim de uma categoria profissional, é, portanto, uma questão social. O que evidencia a necessidade de uma atenção específica por parte dos intelectuais da área da educação, na perspectiva de continuar investigando, compreendendo e denunciando o processo de aprofundamento dos mecanismos que têm favorecido a produção e a reprodução do adoecimento docente.

Para tanto, visando uma apreensão aprofundada do tema, deve-se levar em conta a definição de saúde definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS): “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade.”<sup>7</sup> Codo (1993) esclarece que saúde e doença não são fenômenos isolados que possam ser definidos em si mesmos, pois estão profundamente vinculados ao contexto socioeconômico e cultural. Isso significa que saúde/doença é um processo essencialmente social, relativo ao contexto social ao qual o trabalhador está inserido.

Assim, pensando nessa ampla concepção de saúde e considerando o corpo, a mente e o contexto social circundante aos professores/as, é possível afirmar, diante dos dados alarmantes, que grande parte dos docentes está adoecida. Conforme mostra uma pesquisa da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE)<sup>8</sup>, 71% dos 762 profissionais de educação da rede pública de vários estados entrevistados no início de 2017 ficaram afastados da sala de aula após episódios que desencadearam problemas psicológicos e psiquiátricos nos últimos cinco anos. De acordo com essa pesquisa, o estresse, muitas vezes provocado por situações de insegurança, tem a maior incidência, com 501 ocorrências (65,7%). Seguido por depressão (53,7%), alergia a pó (47,2%), insônia (41,5%) e hipertensão arterial (41,3%). Há ainda aqueles que apresentaram apenas sintomas de mal-estar. Foram pelo menos 531 casos de ansiedade, 491 de cansaço ou fadiga e 480 referências a problemas de voz. Os dados chamam a atenção para expressiva variação de doenças que acometem a categoria docente e muitas vezes tais doenças são concomitantes, o que agrava a situação tanto em termos de tratamento, de afastamento do trabalho e do processo de restabelecimento da saúde.

Vasconcellos (2006) reconhece que “desde 1983, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), reconhece os professores como sendo a segunda categoria profissional, em nível mundial, a ser acometida por doenças de caráter ocupacional”. O Jornal *O popular*, em outubro de 2021, na reportagem intitulada “*Educação de Goiânia tem 2 mil servidores de*

---

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quero-me-exercitar/noticias/2021/o-que-significa-ter-saude> Acesso em 22 dez 2022.

<sup>8</sup> Disponível em <https://cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/cnte-na-midia/65505-mentes-atormentadas> Acesso 10 jan 2023

*licença médica*<sup>93</sup> trouxe à luz o alto índice de afastamento do trabalho em decorrência do adoecimento. Segundo a notícia, um a cada oito trabalhadores da rede municipal de ensino apresentaram atestado médico e estão afastados do trabalho. Este é um dado preocupante que não pode ser tratado com naturalidade e muito menos como algo pontual e passageiro. Tais índices, ao mesmo tempo que dizem algo, também silenciam questões constitutivas do mundo do trabalho num contexto em que os trabalhadores sofrem o impacto das mudanças decorrentes da reestruturação produtiva, dentre tais impactos, chama a atenção a questão do adoecimento docente. Mesmo que a presente pesquisa não tenha como objetivo tratar os dados sobre solicitação de afastamento por doença, na fase de levantamento bibliográfico buscou-se junto à Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, um relatório sobre o tema. No entanto, após várias tentativas, obteve-se a negativa<sup>10</sup> quanto a disponibilização de dados por questões de dificuldade em relação ao registro dos mesmos. O argumento de que há um déficit de pessoal administrativo para realização do trabalho de registro dos dados sobre os/as professores/as e servidores da SME.

Muitas doenças ocupacionais que acometem os docentes podem afetar o corpo, como lesões por esforços repetitivos ou distúrbios osteomusculares, doença caracterizada pelo desgaste de estruturas osteomusculares, como tendões, músculos, nervos, sinóvias e ligamentos, acometendo principalmente membros superiores, pescoço e região escapular; distúrbios da voz – disfonia, rouquidão, afonia, dor ao falar, cansaço ao falar, falhas na voz, falta de projeção vocal e dificuldade para falar em forte intensidade e doenças respiratórias entre outras. Corroborando tais ponderações, Alves e Manta *et al.* (2021) revelaram que problemas como rouquidão, fadiga vocal, ardor na garganta, esforço ao falar, dificuldade em manter a intensidade, dificuldade em projetar a voz e afonia têm sido citados como os sinais e sintomas frequente entre os/as professores/as.

Tais doenças ocupacionais podem afetar também a mente dos docentes – distúrbios mentais – síndrome de *burnout*, ansiedade, depressão, pânico. A estes problemas de saúde daremos maior ênfase, uma vez que, segundo notícia publicada no portal da Universidade

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://opopular.com.br/noticias/cidades/educa%C3%A7%C3%A3o-de-goi%C3%A2nia-tem-2-mil-servidores-de-licen%C3%A7a-m%C3%A9dica-1.2331249> Acesso 10 jan 2023

<sup>10</sup> Devemos considerar a intenção do segmento jornalístico na obtenção de dados. Em geral, uma notícia vinculada pela imprensa, dona dos meios de produção não intenciona necessariamente a organizar uma luta de classe, mostrar os conflitos reais, e sim, intenciona na informação em si. A pesquisa científica, de base materialista histórica dialética, busca mostrar as contradições, o oculto, para agir e transformar. De tal modo, consideramos que para a empresa, os dados foram divulgados e para a pesquisadora não.

Federal de Juiz de Fora/UFJF<sup>11</sup>, adoecimento mental é a terceira maior causa de afastamento no trabalho e isso sinaliza um cenário preocupante no mundo profissional brasileiro. Complementando essa estatística, o Observatório de Segurança e Saúde do Trabalho, plataforma que utiliza diversas bases de dados públicos do país, apontou, em notícia<sup>125</sup> publicada recentemente no site do Tribunal Regional do Trabalho (TER), que mais de 13 mil brasileiros tiveram como motivos para a concessão de benefícios previdenciários acidentários causas mentais e comportamentais, bem como nervosas. Se relacionados com os transtornos osteomusculares, os mentais podem ser considerados a segunda maior causa de afastamento no país. A notícia não traz a primeira e segunda causas.

Todavia, é necessário compreender e reconhecer que o adoecimento físico e mental não é algo isolado ou fragmentado, pelo contrário, existe entre eles um padrão integrativo ou de correspondência. Segundo o Ministério da Saúde (2001), os transtornos emocionais relacionados ao trabalho resultam de contextos de trabalho em interação com o corpo e aparato psíquico dos indivíduos. Algumas enfermidades associadas à atividade profissional demandam – motivadas por sua gravidade – temporários ou permanentes afastamentos do trabalho, como parte do tratamento e/ou pela necessidade de pausar a exposição aos fatores de risco presentes nas organizações.

Retomamos aqui, com Tabet (2005) e Scott (1994) para circular o campo das mulheres na educação. A luz dessas autoras, vemos que a posse dos instrumentos é por gênero, desde os primórdios da humanidade, e isso revela uma desigualdade, antes mesmo do sistema capitalista. A divisão sexual do trabalho não é biológica, de déficit ou condições físicas. A separação dos corpos estão assentados na moral, definindo o que é trabalho e não trabalho.

Assim, essas autoras destacam a necessidade politizar o cuidado, atividade inerente no processo educativo aqui analisado. O cuidado é trabalho, não é dom, não é amor, nem essência natural da mulher. O cuidado é tarefa de todos e não somente de mulheres.

Scott (1994) alerta para o fato do cuidado estar numa relação de poder velado, e que não está na agenda das políticas públicas. Temos que trazer o cuidado enquanto trabalho, politizar, sobretudo na primeira fase da educação que envolve nutrição, higiene, e etc, o cuidado é um trabalho que não pode ser substituído por nenhuma máquina, porém, não ocupa lugar de prestígio.

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www2.ufjf.br/noticias/2019/05/08/adoecimento-mental-e-a-terceira-maior-causa-de-afastamento-no-trabalho/> Acesso 10 jan 2023

<sup>12</sup> Disponível em <https://www.trt13.jus.br/informe-se/noticias/transtornos-mentais-sao-a-terceira-maior-causa-de-afastamento-do-trabalho-no-brasil/> Acesso 10 jan 2023

Para Tabet (2005), o corpo da mulher manifesta o mal-estar (adoecimento) dado por questões organizativas que nem sempre pautam as relações de gênero, ou seja, a mulher docente, nem sempre tem ou possui em seu lar uma repactuação das atividades. Não houve uma ruptura do lar e trabalho, aumentando ainda mais sua jornada de trabalho. A não repactuação do trabalho feminino triplicou a jornada de trabalho da mulher.

O diálogo de Scott (1994) em seu texto mostra como a saída da mulher para a tentativa de um salário enfrenta as relações de poder em um processo que gerou o barateamento da mão de obra feminina. Scott (1994) traz todo um cenário legal que construía justificativas para um salário inferior: ela precisa cuidar do lar, marido e filhos, logo, “um trabalhador imperfeito”.

A visibilidade que davam as mulheres tornava invisível a relação de poder entre os corpos. Essa visibilidade na história é um paralelo que dava as mulheres uma oportunidade de complementar renda. A ideia da mulher e seu símbolo complementar ainda não foi extirpado, e como maioria na educação básica, o trabalho enquanto “bico”, complemento ainda repercute.

Uma propaganda veiculada amplamente pela televisão aberta apresenta um homem que se coloca com especialista de sucesso, dando garantia de melhorar a renda via professor, como um trabalho a ser executado de forma ágil, simples, em tempo curto que renderá proventos fáceis. Dessa forma, o processo de formação humana é ocultado, um saber que é permitido para todos (fácil acesso), que resultará em baixos salários (bicos), trabalho flexível, precário, rotativo.

É necessário discutir essas questões, da desvalorização profissional, de que os docentes estão adoecendo porque estão sobrecarregados, que existe um lugar de prestígio na educação que somam a presença maior de homens (ensino superior)<sup>13</sup>, as características invisíveis da divisão sexual do trabalho. O recorte de estudo não é gênero, mas essas questões perpassam o adoecimento docente feminino, as responsabilidades ditas tradicionais para mulheres cristalizam uma estrutura de natureza feminina que possibilita sua exploração no privado, e não poderíamos deixar de demarcar essa situação.

Em seu livro *A corrosão do caráter*, Sennett (2012) mostra como o capitalismo flexível produz um efeito em nossa subjetividade, um apreço pela individualidade, mas que devemos observar que a flexibilidade não torna/tornou a vida dos/as trabalhadores/as mais fácil. Tivemos um “sequestro” do nosso tempo, em não pensar uma trajetória de vida, uma carreira

---

<sup>13</sup> Para um maior aprofundamento do tema sugerimos o texto: GROSSI, M. P. " O masculino e o feminino na educação." GROSSI, Esther Pilar e BORDIN, Jussara (org.) Paixão de Aprender. Petrópolis: Vozes, 1996, 8ª ed.



e sim fragmentos. Não permite narrar uma trajetória coerente em si, pois estamos em fragmentos (temos que ter várias profissões), ser flexível, e o fracasso sendo sempre individual.

“Torne-se professor e aumente sua renda’ nesse caso como mostra a propaganda veiculada amplamente em canal aberto, ter uma segunda graduação caso fique desempregado significa que terá uma segunda opção de renda, enquanto bico, já que vivemos em uma imprevisibilidade em ter ou não o trabalho. Vejamos que a lógica capitalista deturpa o trabalho e colide em muitas vezes em um dilema ético, que adoece.

Codo (1999) em sua obra *Educação, carinho e trabalho*, após fazer um estudo com uma amostra de quase 39 mil trabalhadores em educação em todo país, identificou números expressivos que merecem ser destacados: entre os pesquisados, 31,9% apresentavam baixo envolvimento emocional com a tarefa, 25% acusavam exaustão emocional, e 10,7% falavam sobre despersonalização. Os índices associados a um nível *moderado* de sofrimento em *Burnout*, que compõem a escala de Maslach para cada um dos fatores, são difíceis de interpretar, por esta razão nos deteremos apenas nos valores que definem, sem dúvida, a síndrome, conforme Codo (1999, p. 271), para quem *Burnout*, traduzido para o português como “perder a energia”, é

uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil. Esta síndrome afeta, principalmente, profissionais da área de serviços quando em contato direto com seus usuários (CODO, 1999, p. 258).

Essa síndrome provoca no/a trabalhador/a profundo desânimo, intensa exaustão física, emocional e mental, reduzindo a motivação em relação a exercer tarefas inerentes ao seu trabalho. Segundo Codo (1999) tal síndrome é definida por Maslach e Jackson (1981) como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho.

Para melhor compreender a síndrome, é necessário analisar os seguintes componentes:

- 1) Exaustão Emocional – situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível afetivo. Percebem esgotada a energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas.
- 2) Despersonalização – desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuários / clientes) – endurecimento

afetivo, ‘coisificação’ da relação.

3) Falta de envolvimento pessoal no trabalho – tendência de uma ‘evolução negativa’ no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização (CODO 1999, p 258).

Também denominada como síndrome da desistência, o conceito de síndrome de *burnout* é explicitado por Codo (2006) situando a síndrome como a condição em que o trabalhador rompe com os vínculos em relação ao trabalho, quer dizer, rompe com tudo que constitui o escopo da sua atividade laboral, “já não o importa mais e qualquer esforço lhe parece inútil” (CODO e VASQUES-MENEZES, 2006, p. 238). Segundo os autores, essa síndrome afeta principalmente profissionais da saúde e da educação, devido às especificidades do trabalho que tais profissionais realizam. *Síndrome de Burnout*,

O termo aparece pela primeira vez nas pesquisas bibliográficas retrospectivas em um artigo de Pámela Bardo, intitulado “The Pain of Teacher Burnout: A case History”, e ainda que o tenha visto traduzido por “esgotamento” como substantivo e “esgotado” como adjetivo, tem um sentido mais próximo do original traduzindo-se literalmente por “sair queimado”, ainda que a perífrase resulte desajeitada para realizá-la em castelhano. De fato este é o significado que tem, no artigo citado de Bardo, uma professora que abandonou a profissão docente para tornar-se corretora da Bolsa e que tem a coragem de explicar as razões de seu fracasso e de sua saída do ensino. Ela mesma define o termo da seguinte forma: “o professor queimado é um fenômeno demasiado familiar para qualquer adulto que trabalhe na escola pública atual. Os sintomas incluem um alto índice de absentismo, falta de compromisso, um desejo anormal de férias, baixa auto-estima, uma incapacidade de levar a escola a sério – os problemas do professor separam-no cada vez mais de seus alunos. Alguns professores citam o aumento do mau comportamento de seus alunos como causa de seu sentimento de estar queimado” (ESTEVE, 1999, p. 57).

As expressões “queimar o fogo” ou “perder energia”, entendidas como sinônimo de síndrome de *Burnout*, causam profunda inquietação, pois remetem ao sentido profundo do que simbolizam. O adoecimento docente como condição de esmorecimento frente ao trabalho, como enfraquecimento do ser frente à tarefa de existir, de agir no mundo não pode ser tido como algo individual pois, está no nosso entendimento, é mais uma forma de escamotear a realidade em torno da questão.

Moura (1997), ao estudar a síndrome de *Burnout* na categoria de professores/as, percebe que a severidade com que acomete os profissionais em educação, resulta além da apatia, da fuga da sala de aula vinda do absenteísmo, uma segura vontade de abandono profissional. Ressaltamos que, embora a Síndrome de *Burnout* acometa com frequência muitos docentes, ela não é uma enfermidade específica da categoria do magistério, trata-se de um estresse ocupacional, e outros profissionais também estão susceptíveis a ela. É uma

síndrome que chama a atenção porque mostra um nível intenso de insatisfação em relação ao trabalho que está por ser realizado e, certamente, isso pode ter relação com as condições materiais em que esse trabalho se materializa. No caso do/a professor/a, é bom lembrar que, devido à natureza imaterial do trabalho que realiza, esta insatisfação reside, muitas vezes, naquilo que é cobrado, aquilo que vem preconizado em projeto e/ou políticas educacionais que buscam atender as demandas do mercado e que, geralmente, são demandas que pouco ou nada tem a ver com os fins do trabalho docente, qual seja, a formação humana, a busca do saber, o exercício da reflexão.

Recentemente, em 01 de janeiro de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) oficializou a Síndrome de *Burnout*, também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, como “estresse crônico de trabalho que não foi administrado com sucesso. Além do *Burnout*, o CID 11 também inclui na lista de doenças o estresse pós-traumático, distúrbio em games e resistência antimicrobiana”.

No entanto, segundo a Associação Nacional de Medicina do Trabalho (ANAMT), é importante não confundir síndrome de *Burnout* com estresse, este por sua vez, é a maneira como o corpo reage diante de diferentes situações de grande pressão e quando o corpo é estimulado são produzidos hormônios como adrenalina e o cortisol. O estresse pode ser tanto positivo quanto negativo, já a síndrome de *Burnout* é totalmente negativa à saúde. Especialistas explicam que o estresse positivo pode ser desenvolvido em uma atividade de lazer, em atividades do dia a dia, em casa ou no trabalho, já o estresse negativo, é o esgotamento físico que tira as energias, impossibilitando o sujeito ir adiante.

A depressão, que é uma doença psiquiátrica crônica, segundo a OMS, afeta mais de 300.000.000 de pessoas em todo o mundo, sendo a principal causa de incapacidade para o trabalho. Também conhecida como transtorno depressivo maior (TDM) a depressão é considerada hoje uma das mais graves entre todas as enfermidades médicas contemporâneas.

Segundo Silva e Carvalho (2016) a depressão se caracteriza por episódios longos de duração, recorrência e cronicidades acentuadas, causando assim prejuízos sociais, psicológicos e profissionais. As autoras apresentam dados bastante significativos que merecem ser considerados, embora o recorte da pesquisa seja a educação básica, vale destacar que o objeto de estudo, adoecimento docente acomete os/as professores/as nas diferentes esferas de ensino em âmbito nacional:

Segundo dados do Censo do Ensino Superior (2014), o número de professores universitários em atividade no Brasil é igual a 321.700 – crescimento de 36% na

última década-sendo distribuídos entre 301 universidades públicas e 2.090 privadas. De acordo com levantamento realizado, em 2015, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) 10% dos professores universitários obteve afastamento devido a transtornos psiquiátricos e comportamentais, além disso, foi identificado que entre 2011 e 2014, o tempo médio de afastamento relacionado a essas problemáticas foi de 39 dias, tempo esse que causa prejuízos no desenvolvimento das aulas, implica em desorganização na sistemática da instituição e impactando no desempenho do aluno (SILVA e CARVALHO, 2016 p.115).

Outra comorbidade relativa a *psique* que atinge altos índices entre os/as docentes é a ansiedade. Segundo a OMS, a ansiedade deve ser entendida como um fenômeno que ora nos beneficia, ora nos prejudica, dependendo das circunstâncias ou intensidade, podendo tornar-se patológica, ou seja, prejudicial ao funcionamento psíquico (mente) e somático (corporal). Altas e repetidas doses de ansiedade podem ser causadoras, por exemplo, do transtorno do pânico que é caracterizado por crises de ansiedade repentina e intensa, com forte sensação de medo ou mal-estar, acompanhadas de sintomas físicos.

Todo esse emaranhado de teias que se entrelaçam - condições de trabalho, políticas e normativas educacionais, exigências, novas configurações para o/a docente e doenças -, tecido da nova ordem de reprodução capitalista, são pela meritocracia, camuflados e complexos. Martins (2009) ressalta a importância de compreender essa complexa relação entre mercado, lucro, produtividade, intensificação e precarização no mundo do trabalho, pois nem sempre é visível sua totalidade. Para a autora, existe um nexo entre a reestruturação produtiva, novas formas de reprodução do capital, alienação, proletarianização do trabalhador docente, que precisam ser apreendidas de modo crítico com vistas a compreender todo o processo de intensificação ao qual o/a trabalhador/a vem sendo historicamente submetido/a e quase sem possibilidades de reclame, pois a máxima da meritocracia o desfavorece e enfraquece as tentativas de luta, de resistência e de mudança.

Dada a argumentação de processos de luta e resistência, consideramos os movimentos sociais, sindicatos, grupos de estudos e afins, como instituições sociais que conseguem decodificar os conflitos no terreno do neoliberalismo e para a arena educacional, buscam políticas que possam gerar mobilização para melhorias e garantias do ofício docente, incluindo a questão da saúde.

Para o

contexto brasileiro, é visível a marca da heterogeneidade da sociedade, o que suscita uma série de elementos antagônicos à construção de uma cultura hegemônica, na

qual a sociedade política e a sociedade civil se incorporarem em um Estado ético, nos termos apontados na concepção gramsciana. As inúmeras associações e instituições existentes possuem valores e intenções diferenciados, sendo a cultura também diversa. nesse sentido, não conseguem realizar ações que possam fortalecer a democracia (COSTA; MACHADO, 2017, p. 37).

Para as autoras, o processo de luta e resistência perpassa pela criação de valores comuns, uma ideologia dos trabalhadores. Essa ideologia comum, de reconhecimento enquanto trabalhadores e não profissionais de determinados setores é fundamental para fortalecer os processos de luta e resistência.

O trabalhador, cotidianamente, é colocado para superar seus limites físicos e psíquicos, e que em resultado, quase que inevitavelmente, ocorre seu adoecimento, o Ministério da Saúde, reconhece ambientes que promovem saúde, sendo

**Ambiente promotor da saúde** abrange uma diversidade de iniciativas que favorecem a promoção da saúde em seu sentido mais amplo e não somente relacionado à ausência das doenças. Ou seja: dentro de uma ótica ampliada de qualidade de vida. Nesse sentido, um ambiente promotor da saúde vai influenciar positivamente na saúde e no bem-estar das pessoas.

A constituição de um ambiente promotor da saúde vai além das condições físicas. Inclui também aspectos econômicos, políticos, socioculturais e urbanos que influenciam no estado de saúde geral das pessoas. A partir de todas essas variáveis, é possível identificar o ambiente promotor da saúde quando ele oferece componentes que proporcionem qualidade de vida. Que também possibilitem a adoção e a manutenção de hábitos saudáveis, satisfaçam as necessidades básicas de cada indivíduo, ofereçam dignidade, segurança, igualdade e equidade (BRASIL. Ministério da Saúde. 2022, grifo da página).

Esse entendimento deveria ser (re)produzido no Ministério da Educação, pois, podemos constatar pela dissertação aqui produzida, que esse ambiente promotor de saúde, e as condições dadas não são realidade no “chão” das escolas.

Cabe ainda dizer que

O trabalhador que adoece é vítima de danos não apenas físicos e psicológicos decorrentes da precarização e da intensificação da atividade laboral, mas também morais, já que o adoecimento é percebido como um sinal de fraqueza pessoal. (...) a construção de uma lógica perversa que culpa a vítima: o trabalhador torna-se culpado por seu adoecimento (NELI; NAVARRO, 2013, p. 304).

E, quando diagnosticado como doente, pode ainda sofrer um processo de desumanização que

(...) seria o de "tratar pessoas como coisas" (thinging), indicando a persistente ação de não reconhecer o doente como pessoa e sujeito, mas como objeto da intervenção clínica. Nessa racionalidade as pessoas doentes seriam vistas como um conjunto de necessidades padronizadas, atendidas por serviços igualmente estandardizados. Fica

patente que a consequência dessa prática é a destituição de poder da pessoa doente, além do não reconhecimento dos seus sentimentos, levando a uma ausência de reciprocidade com seus cuidadores (DESLANDES, 2006, p. 37).

Constata-se que a reestruturação produtiva produziu uma lógica ideológica que primeiramente impede o trabalhador de se reconhecer como doente e portador do direito de se recolher para restaurar sua saúde. Em segundo, dado como doente, pode ainda implicar em ter sobre si generalizações acerca do processo de adoecimento e cura, tal cenário é importante para que possamos compreender o imenso agravo da exploração do trabalho.

## CAPÍTULO 3

### DO ADOECIMENTO DOCENTE À CONFIRMAÇÃO DA HUMANIZAÇÃO

“ O homem está condenado a ser livre”

Jean Paul Sartre

A presente pesquisa buscou apreender o objeto adoecimento docente ancorada em pesquisadores que, de modo crítico, se dedicaram ao objeto em questão. Entre os estudos estão teses que objetivaram compreender a questão do adoecimento docente na educação básica em diferentes regiões do Brasil e em contextos que, embora enredados pela lógica e política neoliberal, apresentam suas especificidades, como por exemplo o

[...] distanciamento do educador em relação a si e à sua prática, o que o leva a uma intensa crise de identidade. A universalização do acesso à educação fundamental, ocorrida no Brasil sobretudo na década de 1990, não representou necessariamente a preocupação com a sua dimensão formativa. E tudo passou a pesar como um insuportável fardo sobre os ombros do educador, que se viu ilhado frente às mudanças estruturais pelas quais passou a sociedade, mas que na educação serviram tão somente para exigir deste profissional a assunção de todos os fracassos escolares. (VIANA, 2008, p.108)

Esse fracasso tornou-se recorrente para o/a docente, que não se reconhece em seu trabalho nesse contexto neoliberal de atividades do capital flexível. O autor mostra que há uma crescente perda do/a professor/a em relação a sua identidade, em relação à prática docente. Nesse movimento de perda de identidade, de nexos com sua atividade laboral, o/a docente adoece e, como numa roda sempre a girar, ele é cobrado individualmente por uma educação orientada, por exemplo, pela ideia de meritocracia.

As principais manifestações do mal-estar docente decorrem da falta de apoio da sociedade e da imagem negativa que ela faz da educação. Os educadores são, então, vistos como os únicos responsáveis pelos problemas educacionais, quando na verdade se tratam de problemas sociais, que extrapolam os limites da instituição escolar (VIANA, 2008, p. 109).

O autor, ao fazer uma leitura filosófica sobre o mal-estar docente, mostra que, embora as análises sociológicas e psicológicas sobre o tema sejam fundamentais, são insuficientes para apreender o objeto como um todo. Na presente pesquisa, assume-se esse entendimento e, desse modo, considera-se fundamental reconhecer que na sociedade capitalista até mesmo os estudos que mantêm verticalização em determinada especificidade, têm sempre algo de fecundo que provoca a pensar o objeto de estudo em sua totalidade. Foi a partir dessa compreensão que se

iniciou o trabalho de pensar junto com os pesquisadores das teses e dissertação selecionadas para a presente investigação.

Trouxemos para o debate das análises as seguintes teses: Maria Izabel Alves do Reis, com o título: *O Adoecimento dos Trabalhadores Docentes na Rede Pública de Ensino de Belém-Pará*; Maria Luiza Maciel Mendes, título: *A Tradução do fracasso: Burnout em Professores do Recife*; Maria José Pereira de Oliveira Dias, com o título: *Mal-estar e Adoecimento Docente no Contexto da Educação Infantil*, bem como a Dissertação *O EDUCADOR: ANGÚSTIA E LIBERDADE Uma leitura ontológica, fenomenológica e existencialista do sentido de ser educador em tempos de mal-estar docente* de Cláudio Pires Viana.

À medida que a leitura ia sendo realizada, que o objeto adoecimento docente ia sendo tratado por olhares distintos em vista de objetivos singulares de cada pesquisador, uma compreensão ia se formando a respeito do que se lia e, de certo modo, ler teses e dissertações é um exercício intelectual bastante curioso, pois nos coloca em contato com uma profusão de outros autores que investigam o tema em questão, ficamos frente a uma espécie de pesquisa estado da arte. Somos provocados não somente pela leitura dos textos em si, mas pelas referências que eles acolhem em seus percursos de busca e investigação.

Nesse sentido, a leitura de uma tese e/ou dissertação é sempre terreno fecundo onde nos sentimos provocados a aproximar do nosso objeto de estudo, mas também impulsionados a nos afastar dele. Seja aproximando ou afastando do objeto, o que permanece como centralidade é o trabalho de apreensão desse objeto em sua totalidade e esse movimento de busca pela totalidade não é nada fácil, mas é indispensável a todo pesquisador. As teses e dissertações

definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (FERREIRA. 2002, p. 258).

Sobre o tema adoecimento docente tendo como foco docentes da educação básica, e para essa dissertação, na primeira fase de escolarização, torna-se possível ampliar o campo de



discussão temático e (re)pensar as análises dadas pelos estudos em questão, corrobora-se com Viana (2008, p. 110), que está em curso

um aumento significativo das exigências em relação ao educador que, além de dominar os conhecimentos específicos de sua área, deve ser eficiente quanto aos resultados de aprendizagem, à organização de trabalhos coletivos do corpo docente, ao cuidado com o equilíbrio psicológico e afetivo dos educandos, a socialização, a educação sexual e outras funções que antes não pertenciam à função docente.

. Na contemporaneidade, a sintonia das políticas públicas com a orientação neoliberal tem levado para a educação e para o trabalho docente uma gama de questões e atribuições que deslocam ou afastam o trabalho docente daquilo que o constitui.

Com vistas a pensar o adoecimento docente, na presente pesquisa a metodologia utilizada possibilitou que fossem selecionadas palavras-chave, leituras de resumos, através do Banco de Teses e Dissertações da Capes, área Educação, no período de 2010 a 2020, e que pela disponibilidade para *download*, três teses e uma dissertação foram acolhidas como referência para o presente estudo. Optou-se por trazer um registro sobre tais textos de modo que o leitor tenha melhores condições de perceber como o objeto foi tratado pelos autores e como a contribuição dessas pesquisas foi relevante para que as reflexões do presente estudo se concretizassem.

A tabela 1, detalha as teses selecionadas.

TABELA 01 – Descrição das Teses

|           |                                                                                  |                                                          |                                                                  |
|-----------|----------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------|
| Autor (a) | REIS, Maria Izabel Alves dos,                                                    | MENDES, Maria Luiza Maciel.                              | DIAS, Maria José Pereira de Oliveira                             |
| Título    | O adoecimento dos trabalhadores docentes na rede pública de ensino de Belém-Pará | A tradução do fracasso: Burnout em professores do Recife | Mal-estar e adoecimento docente no contexto da educação infantil |
| Ano       | 2014                                                                             | 2015                                                     | 2020                                                             |
| Tipo      | Tese (doutorado)                                                                 | Tese (doutorado)                                         | Tese (doutorado)                                                 |

|              |                              |                                    |                                           |
|--------------|------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------|
| n° de folhas | 216                          | 138                                | 189                                       |
| Instituição  | Universidade Federal do Pará | Universidade Federal de Pernambuco | Pontifícia Universidade Católica de Goiás |
| Local        | Belém                        | Recife                             | Goiânia                                   |

Verifica-se no primeiro momento que o campo de estudo está bem delimitado e essa delimitação já se anuncia no título, com a palavra adoecimento, ou no caso da estudiosa MENDES (2015), a expressão “fracasso” é instigante e remete para um contexto mais amplo, porém, especificando que a pesquisa fez o recorte sobre adoecimento docente.

Durante o processo de seletiva das teses, as palavras-chave - adoecimento docente, mal-estar docente -, indicaram um crescimento das pesquisas relacionadas ao processo de adoecimento de forma geral, quando a pesquisa se volta para os/as professores/as de educação infantil percebe-se uma produção menor em relação aos professores/as do ensino médio e superior.

A delimitação da pesquisa, insere no corpo do processo de adoecimento docente da educação que está inserido no processo educativo direcionado para educação infantil e fundamental. Do material selecionado, (tabela 01) entre as palavras-chave, destacam-se: adoecimento docente, adoecimento e adoecimentos. A próxima tabela permite uma análise melhor dessas construções, indo de singularidades a situações que contemplam o trabalho docente como um todo.

TABELA 02 – Mapeando palavras-chaves com os objetivos

| Autoras        | REIS (2014)                                                                          | MENDES (2015)                                                            | DIAS (2020)                                                   |
|----------------|--------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|
| Palavras-chave | Adoecimento. Condições de Trabalho. Políticas Educacionais. Saúde. Trabalho Docente. | Recife; Adoecimento docente; Síndrome de <i>Burnout</i> ; Metodologia de | Mal-Estar Docente. Trabalho. Educação Infantil. Adoecimentos. |

|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | avaliação; Qualidade da educação.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Objetivos | O objetivo geral constituiu-se em analisar as causas do adoecimento dos docentes na Rede Pública de Ensino de Belém Rede Municipal de Educação/RME, observando os seguintes objetivos específicos: analisar as políticas educacionais da RME; identificar as repercussões das políticas educacionais e sua real ação com o adoecimento do docente; analisar as condições de trabalho docente; identificar a ocorrência de intensificação e precarização no trabalho docente e possíveis relações com o adoecimento. | buscou detectar e avaliar aspectos da Síndrome de <i>Burnout</i> em professores que atuam no Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos) da Rede Municipal de Educação do Recife e sua relação com a precarização do trabalho docente. Procurou também, analisar a relação entre o adoecimento docente e as variáveis demográficas e profissionais dos professores, bem como a relação entre o adoecimento docente e a metodologia de avaliação da qualidade da educação encampada pelo governo central, especificamente o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica no Brasil – IDEB. | os objetivos deste estudo são: conhecer, interpretar, refletir e analisar as lutas dos trabalhadores contra as arbitrariedades do poder e as relevantes contribuições históricas desses profissionais no campo da educação, bem como a garantia legal e normativa dos direitos de acesso e permanência das crianças da Educação Infantil, de modo sistematizado e institucionalizado |

A leitura da pesquisa de Reis (2014), desde as palavras-chave, objetivos, já se vê que o processo de adoecimento do/a professor/a está relacionado diretamente às condições materiais de realização do seu ofício de ensinar. Nesse sentido, parece fundamental compreender o que

seriam as condições materiais de execução do seu labor, sendo que na introdução a autora menciona suas motivações, e entre elas

Nos anos de trabalho naquela instituição foi possível perceber a angústia de muitos que ali atuavam ou atuam, por não se sentirem mais satisfeitos pela forma como estava **organizado** o trabalho, mas, ao mesmo tempo, devido tanto ao salário diferenciado, e excelentes condições estruturais de trabalho, diferente das demais escolas da Rede Municipal de Educação de Belém (A diferenciação salarial consistia em uma gratificação “Escola Bosque” conhecida como EB, no valor de 100% do salário.) , fazendo com que os mesmos permanecessem naquele local, suportando o sofrimento e o adoecimento e até mesmo o desencanto com a profissão (MENDES, 2014, p.18, grifo nosso).

É possível apreender que as “condições de trabalho” dizem respeito, mais diretamente, a organização do trabalho, que provoca um sentimento de rejeição, repulsa e, ao mesmo tempo, de aceitação quando os docentes observam que o sistema ao qual estão inseridos ainda, oferece condições salariais e de infraestrutura, que relacionados com os demais docentes da rede, apresentam para eles vantagens.

No processo de investigação na Escola Bosque percebeu-se a contradição de se ter uma escola que se diferenciava das demais na estrutura física, organizacional, pedagógica e recursos humanos, ou seja, uma escola considerada de excelência, mas que em contrapartida existia um fator que a igualava a tantas outras instituições de ensino do município, do estado e do país, que era o adoecimento e a desistência dos trabalhadores docentes em atuar naquele local [...] (REIS, 2014, p. 19).

A autora mostra que o adoecimento docente é uma questão complexa que não diz respeito meramente na dimensão da estrutura física da escola e nem somente na dimensão salarial, ou seja, existe aí um aspecto inerente às contradições pertencentes ao modo como o trabalho se realiza na sociedade capitalista. Existe algo que está para além das condições materiais de cada contexto institucional em si, algo que perpassa a dimensão da autonomia e da liberdade no que diz respeito à realização do trabalho em si.

No nosso entendimento a pesquisa inova ao trazer elementos para os “transeuntes”, (entendendo aqui as pessoas que não participam ativamente do cotidiano escolar da educação) não aparecem visivelmente, que são questões que envolvem as estratégias na estrutura organizacional e que trazem o adoecimento para os/as professores/as . Essa estrutura diz respeito às escolhas de gestão, aos relacionamentos interpessoais que envolvem forças de poder e influências, ameaças veladas de trocas de turmas e turnos, entre outros. Considera-se

importante trazer esse aspecto, uma vez que ele se materializa no dia-a-dia da cultura escolar e implica direta e indiretamente no trabalho docente.

Geralmente, os transeuntes na educação, assim como outro profissional, inicialmente, buscam por um salário atrativo e uma boa infraestrutura institucional, ficando alienados nestes e em outros fatores que estão presentes na escola os quais atingem o profissional da educação tais como os conflitos internos entre gestão e docente sem uma clara estrutura documental de resolução de problemas, as mudanças na gestão de governo.

A autora mostra que “o estado de esgotamento físico [...] as reclamações constantes sobre problemas de saúde [...]” bem como as “queixas diante das novas exigências da sociedade, tais como as que envolvem os resultados das avaliações institucionais sistêmicas” (MENDES, 2010, p. 19) são, antes de tudo, expressão do sofrimento que as demandas do mercado e as estratégias adotadas pela reestruturação produtiva impõe aos professores/as. Como foi evidenciado no primeiro capítulo, o adoecimento advém de um conjunto de estratégias, regras, cobranças que coadunam com a lógica neoliberal em vista do controle do trabalho docente. Esse controle passa pela disputa entre o quê ensinar, como ensinar e em que tempo.

A política neoliberal – amparada pelos Organismos Financeiros Internacionais, como FMI (Fundo Monetário Internacional, BM (Banco Mundial), OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) -, por exemplo, dita as exigências a serem cumpridas para que o processo de acumulação e expansão de capital tenha bons resultados e, de forma nefasta, direta ou indiretamente, atinja a todos os trabalhadores, incluindo os da educação. As estratégias do processo de reestruturação produtiva mexem não só com a organização do trabalho, mas também com a organização da própria sociedade, em sentido coletivo e individual.

Ao movimentar contas correntes de vários capitalistas, o banco realiza, aparentemente, uma operação puramente técnica, unicamente auxiliar. Mas quando esta operação cresce até atingir proporções gigantescas, resulta que um punhado de monopolistas subordina as operações comerciais e industriais de toda a sociedade capitalista, colocando-se em condições - por meio das suas relações bancárias, das contas correntes e de outras operações financeiras -, primeiro de conhecer com exatidão a situação dos diferentes capitalistas, depois de controlá-los, exercer influência sobre eles mediante a ampliação ou a restrição do crédito, facilitando-o ou dificultando-o, e, finalmente, de decidir inteiramente sobre o seu destino, determinar a sua rendibilidade, privá-los de capital ou permitir-lhes aumentá-lo rapidamente e em proporções enormes, etc. (LÊNIN, 2011, p.144).

Temos aqui, um trecho do capítulo “Os bancos e seu novo papel”, p. 138, ao qual o autor demonstra como os bancos vão organizando estratégias para o monopólio do capital. Esse

processo de monopolização, que saiu de uma forma técnica simples de atuação para uma transformação vital da atuação dos bancos, tendo no “século XX [...] o ponto de viragem do velho capitalismo para o novo, da dominação do capital em geral para a dominação do capital financeiro” (LÊNIN, 2011, p.159).

Agora, os grandes bancos “exportam” o capital, ao qual, podem fazer exigências para os países que solicitam empréstimos. Essa situação de transformação vital dos bancos, faz com que ao final do século XX e início do século XXI possam ditar as diversas reformas - educacionais, previdenciária, trabalhista, entre outras -, em prol da reestruturação produtiva em países como o Brasil. Essas exigências são deliberadas via normativas educacionais, legislação, procedimentos e afins, que são repassadas como valores idealizados e desejados de modo universalizantes, fazendo com que a sociedade (transeuntes, comunidade local, pais e responsáveis, e etc), adotem esses valores para si, de forma naturalizada, e voltam para escola como exigência legítima para uma prática educativa, sem que os mesmos consigam refletir sobre essas políticas instituídas, como os índices que afirmaram “medir”, a qualidade de ensino via implantação de currículos e avaliações padronizadas.

As palavras-chave anunciadas por Mendes (2015, p. 21): metodologias de avaliação e qualidade da educação ganham justificativa pela ausência, segundo a autora de “[...] investigações que façam a articulação entre o adoecimento do/a professor/a e os marcadores institucionais de avaliação”. Assim, ela demarca seu campo de estudo, que centra na investigação do impacto de avaliações padronizadas no processo de adoecimento docente, sem desconsiderar outros fatores, mas a inovação é deter sua ótica de pesquisa especificamente sobre a leitura desse instrumento no interior da escola estudada.

A partir da leitura da pesquisa parece correto inferir que Mendes (2015) faz esse recorte ciente dos diversos outros fenômenos que atravessam o ambiente escolar, a justificativa desse recorte situa no argumento de que as avaliações são tidas como um "termômetro", que irá medir se a escola propõe um ensino de qualidade ou não. Esse aspecto instiga a pensar, como uma avaliação, em módulos quantitativos, de referências no estilo de perguntas e respostas poderá avaliar qualitativamente um processo de ensino aprendizagem?

Apesar de tantos investimentos advindos do poder público e encampados pelas ações municipais, as escolas ainda apresentam dificuldades para atingirem as metas propostas pelas instituições avaliativas responsáveis por medirem e definirem o que é qualidade da educação. Dessa situação, surge um impasse: se os investimentos permanecem regularmente ofertados e os índices projetados não são atingidos, há que se considerar que alguma coisa está errada. É possível que os recursos, projetos, programas e demais investimentos não estejam exatamente na direção da resolução do problema, pois outros fatores pertinentes ao contexto educacional não vêm sendo

considerados em profundidade, tais como os problemas de adoecimento dos professores e seus desdobramentos no interior da escola, que certamente, contribuem para a baixa qualidade da educação e têm repercutido no sistema educacional como um todo (MENDES, 2015, p.65).

Percebe-se que as políticas públicas se alinham ao processo de transformar o/a professor/a em produtor de algo, de metas, na tradução dos resultados, sem considerar o que é a prática educativa, que não lida com a produção de mercadorias, mas com a formação de seres humanos.

O ranqueamento leva a escola para uma situação individualizada, criando entre docentes e estudantes um sentimento de culpa em relação ao sucesso/fracasso em vista dos resultados das avaliações.

Nesse contexto em que a avaliação é tida como o centro do trabalho docente, é frequente o uso do termo qualidade. Esse uso está extremamente próximo ao de “qualidade total”, do modelo toyotismo, gerando uma “[...] perspectiva pedagógica individualista, dualista e fragmentária coerente com o ideário da desregulamentação, flexibilização e privatização e com o desmonte dos direitos sociais ordenados por uma perspectiva de compromisso social coletivo [...]” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003, p. 93-130).

O caráter dessa situação evoca que

(...) o neoliberalismo trata a educação escolar, particularmente na escola pública, como lugar privilegiado de concretização de estratégias globais de mudanças educacionais para países considerados periféricos em relação ao desenvolvimento econômico (também denominados países em desenvolvimento, ou países emergentes), cujas finalidades educativas de formação escolar centram-se em interesses capitalistas de formação imediata para o trabalho, em ligação direta com o mercado (LIBÂNEO; FREITAS, 2018 p. 24).

Percebe-se que o ser humano é desconsiderado, a condição histórica da dinâmica de compreender o perfil dos estudantes, as dificuldades, o entorno, os docentes, são desconsiderados na tradução linear das avaliações e seus números.

Dias (2020) com as palavras-chave “adoecimentos” no plural, que inicialmente não é conceituada, e temos ainda “mal-estar” relacionada ao sofrimento, condições de trabalho, uma proposição da autora no sentido de investigar

[...] conhecer, interpretar, refletir e analisar as lutas dos trabalhadores contra as arbitrariedades do poder e as relevantes contribuições históricas desses profissionais no campo da educação, bem como a garantia legal e normativa dos direitos de acesso e permanência das crianças da Educação Infantil, de modo sistematizado e institucionalizado (DIAS, 2020, p. 8).

A autora, ao investigar a produção do mal-estar docente no contexto da educação infantil, da voz e vez aos professores/as e, por meio das narrativas desses profissionais ela identifica contradições subjacentes às condições de trabalho dos/as professores/as e até mesmo no que diz respeito “à construção da sua identidade e realização profissional” (DIAS, 2020, p. 19) como é possível apreender na análise explicitada pela autora.

Notadamente, o campo de estudo de adoecimento docente abre diversas possibilidades de pesquisa, a arena das ciências humanas permite um olhar multifacetado, que, ao absorver as diversas situações, o limite de corte de problema se faz necessário. Como lembra Marli André; Menga Ludki (1986), a pesquisa na área da educação supõe sempre a compreensão de que as coisas não estão dadas de antemão. Com o objeto adoecimento docente não é diferente, apreendê-lo supõe o exercício da leitura atenta da bibliografia selecionada com vistas a alcançar o que Ulhôa (1997) denomina de leitura rigorosa com o intuito de ver o objeto como ele é ou será, de modo a ter uma atitude crítica em relação ao objeto investigado.

Ao pesquisar o tema adoecimento docente parece fundamental refletir sobre o ofício de ensinar, mais que isto, refletir sobre o sentido da escola. Essa reflexão parece imprescindível, sobretudo, quando à luz dos estudos realizados até aqui, reconhece-se que a educação, a escola, bem como o trabalho do/a professor/a está, em larga escala, orientado pelos princípios do neoliberalismo, fazendo com que a educação se torne uma mercadoria, idealizada e padronizada e o/a professor/a se torne alienado em relação ao seu ofício.

O contexto é complexo, pois, “Aliadas à lógica capitalista, somam-se às imposições aos docentes severas dificuldades para atender as exigências sociais, de um sistema de ensino que não satisfaz as demandas da sociedade” (DIAS, 2020, p.18). A lógica capitalista, com discurso ideológico burguês faz com que a “construção” das demandas ilusoriamente surjam como originadas no seio social. É fundamental não esquecer que, na sociedade capitalista, como assevera Harvey (1999), as demandas que têm proeminência são sempre aquelas circunscritas ao mercado, ao capital, ao desejo desenfreado da expansão e conservação desse modelo de produção que traz na sua constituição a semente da exploração, da perversidade e desumanização. Entre essas demandas, a consolidação da ideia de qualificação como

[...] espetacularização do acesso à informação e a despersonalização dos sujeitos fizeram com que a escola se tornasse um espaço demasiado burocrático e menos humano. Mais um produto da cientifização, se convertendo no mito de que a especialização exacerbada do conhecimento é a fonte para o sucesso econômico dos indivíduos, numa perspectiva competitiva e alienante, além da mudança social e das políticas educacionais descomprometidas com a qualidade social da educação (VIANA, 2008, p.111).



Esse é o contexto em que o adoecimento docente é cotidianamente produzido e reproduzido. Esse adoecimento se dá sem que muitos/as professores/as tenham consciência de sua origem e das formas como ele se realiza, seja na dimensão particular ou coletiva. O/a trabalhador/a consciente do sofrimento cotidiano, não iria exigir demandas severas para outro trabalhador, no caso o/a professor/a, existe aí um processo de naturalização das demandas, para que seja legítimo exigir do profissional em educação, todo o empreendimento imposto em uma relação competitiva comercial, com metas, planos para apresentar, avaliações diversas para validar o processo educativo, placas na porta da escola com os resultados das provas para mostrar socialmente a qualidade da escola via nota de modo a alimentar a cultura do ranqueamento no contexto escolar e na sociedade mais ampla.

Segundo Coêlho (2012),

A educação, a escola e a universidade são significativas [...] e imprescindíveis à continuidade da existência humana. À medida que ficam presas às necessidades e interesses do Estado, de grupos e, partes, elas se autodestroem, perdem sua razão de ser e legitimidade histórico-social (COÊLHO 2012, p. 77).

O autor mostra que essa educação que atende à lógica de mercado, aos interesses do Estado, deixa de lado questões fundamentais inerentes à natureza do ensino, ao trabalho do/a professor/a e se perde no insignificante, tornando-se mera organização, instrumento para que a economia e os indivíduos alcancem seus objetivos e metas. Dessa forma, o aluno é transformado em consumidor de saber acabado e partilhado pelos/as professores/as.

Assim, fica claro que o que está sendo cobrado atualmente do/a professor/a o coloca em direção contrária ao que constitui seu trabalho, como afirma Coêlho (2011) “Educar não é, pois, treinar o educando, [...] mas desenvolver suas potencialidades, formar sua personalidade, dedicar-se à busca sempre retomada da verdade, do saber rigoroso e crítico do mundo [...]” e o trabalho do professor, segundo Coêlho (2011) não deveria ser limitado, mas sim assumindo o caráter político de suas ideias e práticas e transformando suas aulas em pensamento vivo e instigante, sem esquecerem a compreensão ampla, significativa e fecunda do saber, no sentido da transformação radical da sociedade, da educação e da escola, as questões fundamentais da vida coletiva, da divisão social, dos privilégios e desigualdades.

A partir do diálogo com Reis (2014, p. 58), “Muitas vezes, os sonhos e as motivações pessoais dos docentes acabam se perdendo no turbilhão do desencanto com a profissão” e com Mendes (2015, p. 19) “O quadro de desânimo que encontramos nas escolas, de maneira geral, é desolador” podemos refletir que a escola adoecer/traz sofrimento ao/a professor/a.

Porém, a escola em si, é corpo inanimado, quem dá vida, são os atores em seu interior, que vão atuar de acordo com sua formação, mas, principalmente a sua formação para ação é julgada pelas normativas que norteiam a educação, pelo jogo invisível, por vezes de poder e valores mercadológicos em seu interior, que culminam em seu adoecimento.

TABELA 03 – Palavras Estruturadas para Demonstrar o Adoecimento

| <i>Palavras estruturadas para demonstrar o adoecimento</i> |                |                                        |                                                  |
|------------------------------------------------------------|----------------|----------------------------------------|--------------------------------------------------|
| PALAVRA/REPETIÇÕES                                         |                |                                        |                                                  |
| REIS (2014)                                                | Sufrimento/ 30 | Adoecimento/ 218 incluindo a do título | Mal-estar (mal-estar)/ 46                        |
| MENDES (2015)                                              | Sufrimento/ 16 | Adoecimento/ 91                        | Mal-estar (mal-estar)/ 32                        |
| DIAS (2020)                                                | Sufrimento/ 11 | Adoecimento/ 59                        | Mal-estar (mal-estar)/ 77 incluindo a do título. |

Podemos observar que as palavras em suas expressões dimensionam que os/as professores/as estão em processo de sofrimento contínuo, e essas palavras se tornam recorrentes para explicar as diversas situações. São dores físicas ou não, que em alguma medida, estão conscientes do seu sofrimento e da necessidade de continuar no ambiente do trabalho para sua sobrevivência. Mas a necessidade de continuar seu trabalho para garantia da sua sobrevivência e a ausência de políticas públicas efetivas de prevenção e diagnóstico desse sofrimento faz com que o mal-estar fique permanente e essa permanência culmine, quase que inevitavelmente, em adoecimento. O sofrimento historicamente está aliado à doenças visíveis, ligadas à questão da arena da saúde, estudos relacionados a dor causada por questões sociais, no campo das ciências humanas é ainda recente. Para tal, usamos o seguinte entendimento que, primeiro,

[...]o sofrimento pertence ao aspecto físico, mas vai além dele, possuindo também um caráter mental. Segundo que o sofrimento pode ocorrer mesmo na ausência de situações de dor, uma vez que ele surge a partir da consciência que a pessoa venha a

ter sobre uma ameaça de iminente destruição da própria integridade. Como integridade pode-se entender todos os aspectos que formam a pessoa, aspectos físicos, emocionais, mentais e psicológicos. Assim, o sofrimento pode ocorrer em relação a qualquer aspecto da pessoa. [o sofrimento] ocorre pela crença da pessoa de que algo indesejável poderá ocorrer consigo própria ou outrem, independentemente de se efetivamente ocorrerá ou não (SANTOS, 2021, p. 707-708).

Assim, é possível tirar o alicerce de que para ter sofrimento algo/fato deveria ocorrer no plano físico tão comum no senso comum. Essa percepção permite traçar uma real mudança no quadro dos processos de sofrimento, trazendo para o cenário a questão do adoecimento e mal-estar. Por adoecimento, REIS afirma que

[...] as políticas educacionais no município de Belém, no período de 2005 e 2012, alteraram as condições, a natureza do trabalho docente e ocasionaram o adoecimento dos trabalhadores que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Esta alteração teve como corolário a intensificação e a precarização do trabalho, as condições de trabalho (números de turmas e de alunos, ritmos de trabalho dentre outros), e as cobranças por parte dos gestores do cumprimento das metas projetadas nas avaliações, tendo como indicador o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB (REIS, 2014, p. 21).

No entanto, “não é demais lembrar que, atualmente, os (as) professores (as) encontram-se numa situação de precarização das suas condições de trabalho, sendo o aspecto estrutura física da escola um dos elementos que tem agravado o adoecimento docente” (MENDES, 2015, p.31) E,

Sobretudo às precárias condições de trabalho, frutos dessas políticas arbitrárias<sup>14</sup> impostas pelo sistema educacional. Incluídos a tais problemas estão os baixos salários, os prolongamentos da jornada de trabalho/exploração, as responsabilidades que não cabem à profissão docente, falta de incentivo à qualificação profissional, falta de democracia e autonomia profissional, insatisfação gerada pelo medo, silenciamento, revolta, violência física e simbólica; adoecimento provocado pelo sofrimento, ansiedade, depressões leves e agudas podendo acarretar distúrbios maiores (DIAS, 2020, p. 78).

O tecido aqui das análises envolve duas linhas mestras, a saber, primeiramente que devemos entender que o contexto da escola é único. E perpassa pela compreensão de pensar a escola como instituição que se abre à cultura, como direito, é o que faz delinear novas pautas/objetivos determinados internamente, como um processo de amadurecimento profissional. A escola tem função primordial no seu ordenamento, mas contraditoriamente, os

---

<sup>14</sup> Dias (2020) refere-se às atuais políticas públicas vindas do escopo neoliberal para educação.

agentes da sociedade exigem uma educação que nem os próprios sabem de fato que seria essa “educação de qualidade” no atual cenário de intensas transformações exigindo

[...] do educador um profundo e estafante desafio pessoal que, a despeito de um sistema contraditório e defasado, deve ser o agente com a responsabilidade de responder à comunidade as novas expectativas projetadas sobre a educação, muito embora, já não haja, por parte da sociedade em geral, um consenso sobre os fins e objetivos da educação. Se por um lado, vivenciamos um modelo social pluralista, multicultural e multilíngüe no qual grupos sociais distintos defendem modelos educacionais com diferentes valores, muitas vezes contraditórios; por outro lado, o sistema educativo obriga o educador a atingir objetivos e metas uniformes para educandos com diferentes sensibilidades culturais e lingüísticas (VIANA, 2008, p. 112).

Não é difícil compreender que a educação, a escola, o/a professor/a encontram-se enredados pela lógica mercantil, pela tônica do projeto neoliberal de sociedade que, ao buscar a manutenção do modo de produção capitalista, vislumbra ordenar tudo e todos a partir dos interesses e necessidades do mercado.

A partir do estudo das teses e da dissertação, observa-se que em uma determinada escola, a questão da infraestrutura, financeiro, salário docente está resolvido, porém, os docentes continuam adoecendo. Em outra, a questão da infraestrutura ganha destaque para os processos de adoecimento, e ainda, o destaque para as políticas educacionais que exige um/a professor/a “qualidade total”, tal qual mercadorias na rede de produção, que é mola propulsora para o adoecimento, bem como a dissertação que mostra, pela via da filosofia sartriana como a questão do mal-estar docente é indissociável da condição humana de busca e exercício da liberdade no sentido do fazer-se homem, do existir no mundo, quer dizer, a tarefa mesmo de consciência de si. O estudo desse material selecionado especificamente para a presente pesquisa, foi bastante propositivo, pois mostrou por meio de argumentos o quanto o objeto de estudo, adoecimento docente, é complexo, mas, por outro lado, evidenciou de diferentes formas que não há algo determinado, algo dado, mas é produzido historicamente.

Frente a tais questões, parece relevante insistir que, concebe-se a educação prática humana, portanto, trabalho dinâmico. Essa defesa é importante porque remete ainda as legislações que são modificadas, reificadas, mesmo na sociedade capitalista, de uma classe que consegue dominar e ser dirigente.

Sabemos que apesar do **discurso corrente** na sociedade acerca da importância da educação, a classe dominante, na prática, estigmatiza o professor. Isso, sem contar a falta de reconhecimento em termos de salários, condições de trabalhos favoráveis, planos de carreira e formação docente. Inseridos no processo capitalista e produtivista, sem a devida valorização profissional, restam diferentes preocupações, tensões e

outras demandas que podem acarretar precárias condições de trabalho, desvalorização profissional e adoecimento do professor (DIAS, 2020, p.78, grifo nosso)

A expressão “discurso corrente” é significativa para pensarmos o projeto de ideologia e hegemonia na sociedade capitalista. A classe burguesa, ou ainda, a classe dominante para se manter no domínio e na direção consegue manter seus valores em forma de consenso disseminando-os universalmente.

O processo de reorganização do capital, dos seus valores, é uma teia complexa, daí considera-se a importância do diálogo com Gramsci (1999, 2002, 2007a, 2007b) com vistas a maior aproximação do objeto de estudo. Juntamente com esse autor somos provocados a pensar a questão da fragmentação como central no processo de flexibilização e de como tudo isso está diretamente vinculado às condições de trabalho dos/as professores/as nas diferentes esferas de ensino em âmbito nacional. A situação de fragmentação a qual a categoria de professores/as se encontra – não em sentido generalizado – dificulta e, em certos aspectos impede o exercício da liberdade do pensamento na realização da *práxis* docente. Se há um processo de esvaecimento dessa liberdade, há também uma fragilidade no que diz respeito ao trabalho intelectual de resistir e de lutar pela liberdade e pela confirmação da humanização.

Gramsci (2007a) mostrou como as condições desumanas tiveram vigor no contexto fascista e, guardadas as devidas proporções, não é absurdo afirmar que a situação atual se avizinha daquela vivida na Itália e em outras partes do mundo. A pesquisa sobre adoecimento docente põe em questão a sociedade capitalista, quer dizer, nos provoca a pôr em questão o modo de ser desse sistema e a forma como ele lança mão de estratégias desumanas para assegurar a sua continuidade e supremacia.

Há sempre uma tensão entre Estado e o campo da educação e, nas últimas décadas, o advento do neoliberalismo engendrado nas políticas educacionais tem posto aos docentes o desafio de exercer o ofício de ensinar, de realizar a *práxis* docente esvaziada de seu sentido e fins. A velha história em curso, a ideologia burguesa orientando o mundo do trabalho, direcionando modos de pensar e agir dos homens de modo a manter a força e o vigor do sistema capitalista.

Por isso, a questão do adoecimento docente não pode ser pensada à margem da discussão da consciência de si e a consciência de classe, pois, “É um fato de consciência significando uma auto-representação ou auto-definição, manifestada tanto no comportamento quanto no discurso. É um jogo dialético entre o mesmo e o diverso. O conflito e a heterogeneidade constituem terreno propício à formulação da autoconsciência”

(MASCARENHAS, 2002, p. 15). É curioso como algumas questões ficam escondidas e, muitas vezes, até esquecemos de pensar sobre elas.

Viana (2008) ao pôr em questão o mal-estar docente, retoma uma dessas questões que parecem não ter muita importância, quando, na verdade, é fundante para pensar a educação, a escola, mas sobretudo para pensar o trabalho docente: a consciência de si. Por assim dizer, tudo começa com a consciência de si. No entanto, o contexto em que o adoecimento docente acontece é marcado justamente pela fragmentação, pela perda da identidade em relação trabalho que realiza. A lógica neoliberal - manifesta nas políticas educacionais nos diferentes níveis de ensino em âmbito nacional -, obstaculiza o trabalho intelectual em vista da consciência de si. Um dos aspectos que favorece essa obstaculização é o predomínio da racionalidade técnica no campo da educação e mais precisamente no trabalho docente. Como lembra Gramsci (2004, 2007b) há o consenso produzido pela classe burguesa e, na contemporaneidade a difusão e reprodução desse consenso é realizada eficazmente por diferentes aparatos tecnológicos com amplo poder de alcance e isso não se realiza sem que seja perpassado pela racionalidade técnica em vista de um pensamento hegemônico.

O exercício "normal" da hegemonia, no terreno tornado clássico do regime parlamentar, caracteriza-se pela combinação da força e do consenso, que se equilibram de modo variado, sem que a força suplante em muito o consenso, mas, ao contrário, tentando fazer com que a força pareça apoiada no consenso da maioria, expresso pelos chamados órgãos da opinião pública- jornais e associações-, os quais, por isso, em certas situações, são artificialmente multiplicados. Entre o consenso e a força, situa-se a corrupção-fraude (que é característica de certas situações de difícil exercício da função hegemônica, apresentando o emprego da força excessivos perigos), isto é, o enfraquecimento e a paralisação do antagonista ou dos antagonistas através da absorção de seus dirigentes, seja veladamente, seja abertamente (em casos de perigo iminente), com o objetivo de lançar a confusão e a desordem nas fileiras adversárias (GRAMSCI, 2007a, p. 95).

Percebe-se que órgão de opinião pública caracteriza a produção de consenso, repassam o “certo e errado”, o ajuste se produz de tal modo que ganha reconhecimento pelas massas dada a sua legitimidade. A legitimidade se dá quando grande maioria possui “fé”, nos processos organizativos sociais. Como legitimar as desigualdades? Incorporando nas massas os valores classistas, através da hegemonia, assim, eu alcanço a fé. As estratégias utilizadas pelo padrão de acumulação vigente “que o capital se constitui num sistema altamente controlador que sujeita tudo ao seu domínio: saúde, comércio, educação. Isto é, desde as relações pessoais mais íntimas às relações de tomada de decisões complexas de empresas transnacionais” (MARTINS, 2009, p. 22). Pode-se entender que a questão é mais ampla e complexa do que parece, pois

[...] a ideologia, a subjetividade, a consciência dos indivíduos não são “detalhes” relegados pelo sistema sociometabólico do capital. Ao contrário, e este sistema – através daqueles que o encarnam e são seus mais “qualificados” representantes (OMC, FMI, BM, Transnacionais) – procura instituir seus valores fazendo crer que o privado é mais eficiente do que o público; que os serviços oferecidos pelo mercado têm mais qualidade do que aqueles oferecidos pelo Estado; que o espaço privado é mais democrático que o espaço público. Cria-se dessa forma, uma “cortina de fumaça” entre a esfera pública e a privada, não só objetivamente, através das políticas públicas implantadas, como também, na dimensão da consciência e no embate das ideias. Isso possibilita que suas ideias sejam as ideias dominantes da sua época (MARTINS, 2009, p.113).

Essa “cortina de fumaça” busca esconder que não está sob o domínio da classe burguesa somente os meios de produção, inclui também o domínio no campo das ideias, no campo espiritual das pessoas. Gramsci (2007a) mostra que existem grupos e pessoas produzidas - vontades produzidas, valores que geram condutas produzidas, visão de mundo produzidas -, que são condicionadas a passividade. Ou seja, a burguesia domina com um projeto hegemônico, porque incorpora seus valores em forma de *fé* nas massas. Mas isso não é simples, dessa forma, a classe trabalhadora precisa entender pela filosofia da *práxis* sua existência e sua força revolucionária e esse processo não se realiza sem a consciência de si, sem uma intencionalidade sobre o modo de existir no mundo. Como argumenta Viana (2008), a consciência de si, o existir no mundo é indissociável da intencionalidade e da unidade dialética entre pensamento e ação.

Pode-se entender que a consciência de si não coaduna com consenso produzido pela burguesia, ou seja, com a ideia de uniformização ou padronização dos modos de pensar e agir em vista da acumulação do capital.

Ora, a legitimidade de seus atos, da ideia de meritocracia, de propriedade privada, e etc. se dá pelo consenso. Para ter consenso, existe a construção de uma hegemonia. A hegemonia é construída pela garantia da unidade de classe para uma classe, com a manutenção, no caso, principalmente da propriedade privada, e para tal, promove-se uma adesão das massas para esse projeto, quando universaliza valores específicos como únicos possíveis para todos, portanto universais. Nesse processo de universalização, os valores se consagram, tal como no campo religioso, no campo da fé e, segundo Gramsci (2004; 2007a; 2007b) não é linear e direto, ocorrem mediações, feitas pela sociedade civil, ou seja, as igrejas, associações, sindicatos, escolas, partidos, a imprensa que desempenham um papel de organizar as vontades coletivas através do intelectual. O autor afirma que o plasma é a hegemonia, o fundamento da sociedade capitalista. A hegemonia inicia na sociedade civil e as vontades coletivas são sinais para universalizar uma visão de mundo, que inclusive, alerta Gramsci, propõe condutas. Daí o entendimento de Gramsci falar de uma hegemonia pedagógica, porque implica numa apreensão

do viver específico, é dado o passo a passo, tal qual o processo pedagógico, ao qual, se forma uma conduta adequada. Se a conduta não for a esperada, pode se usar a força, para qual grande parcela da massa, irá apoiar, já que as condutas estão referendadas. Não se deve questionar a má conduta, nem perguntar o que é má conduta, deve punir. A contemporaneidade, em larga escala vivencia situações semelhantes a estas problematizadas por Gramsci no contexto da Itália. A análise sobre o adoecimento docente presente nas teses e dissertação referência da presente pesquisa mostra que o adoecimento docente se dá no entrecruzamento das estratégias utilizadas em vista do sistema capitalista e, nesse jogo muitas estratégias se conservam desde a origem desse sistema marcado pelas contradições e desigualdades, pois lhe são constitutivas.

Diante dessas análises, retornamos para as questões problema das teses

Tabela 04 – Descrição dos problemas e metodologias das teses estudadas.

|                  | REIS (2014)                                                                                                                                                                                                                | MENDES (2015)                                                                                                                                                                                                                                              | DIAS (2020)                                                                                                                                                                                                               |
|------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Questão problema | quais os fatores que contribuíram com o adoecimento dos trabalhadores docentes nas escolas da Rede Municipal de Educação de Belém (RME)                                                                                    | Esta pesquisa de doutorado buscou detectar e avaliar aspectos da Síndrome de <i>Burnout</i> em professores que atuam no Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos) da Rede Municipal de Educação do Recife e sua relação com a precarização do trabalho docente | O problema e questionamentos deste estudo perpassam pelo desvelamento das contradições do Mal-Estar Docente no contexto da Educação Infantil e os motivos do adoecimento dos (as) Professores (as) no âmbito profissional |
| Metodologia      | A pesquisa foi realizada em etapas: a primeira etapa foi a realização da pesquisa bibliográfica [...]A segunda etapa de construção desta tese foi a pesquisa de campo que serviu para complementar e esclarecer questões e | A pesquisa, de base quali-quantitativa, envolveu uma análise documental, além da realização de entrevistas e aplicação de questionários de medição dos níveis de <i>burnout</i> (MBI) e o sócio-demográfico em 24 professores de                           | [...]utilizando como método o materialismo-histórico dialético em Marx e Engels (1988). A fundamentação teórica percorre a pesquisa bibliográfica, documental, empírica                                                   |



|  |                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                               |                           |
|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|
|  | dúvidas acerca do objeto de estudo, sendo utilizados questionário estruturado e entrevista semiestruturada e a terceira etapa se configurou na definição das categorias, a partir da pesquisa de campo. | língua portuguesa e matemática nas doze escolas do Município do Recife – seis com os resultados mais altos do IDEB e seis com os mais baixos. | e de análise de conteúdo. |
|--|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------|

Situamos na tabela 04 duas condições que precisam ter uma comunicação latente para construção da tese. Primeiro, salientamos que na tese de Reis (2014) e de Mendes (2015), ambas mostram o caminho das motivações para chegar à problemática da tese. Considerando claramente, que a pesquisa não se limita em uma totalidade generalizante, e para tanto, no mestrado perceberam outros recortes, que pela construção da dissertação não dariam para trazer em profundidade, tendo levado para o doutorado suas inquietações.

Com a autora Dias (2020) foi feita a leitura da tese e da dissertação e essa leitura propiciou identificar as motivações para a realização da pesquisa. A dissertação *Mal-estar Docente na Educação Superior Brasileira: Demarcação Bibliográfica no campo investigativo da Educação*. Essa leitura chamou a atenção para a questão do *estranhar e desnaturalizar* aquilo que constitui o objeto, ou seja, a apreensão do objeto de estudo exige trabalho intelectual. Os textos remetem a importância de reconhecer que não há neutralidade científica e toda pesquisa acaba por assumir um compromisso ético e político em vista daquilo que assume e defende. Feito essas considerações, o *estranhamento/desnaturalização* são processos de esforço intelectual ao qual,

O estranhamento não é somente do outro, mas também de si. O espanto também acontece em situações que vivenciamos e diante de nossas próprias atitudes. A desnaturalização da nossa história de vida, do cotidiano, nos envolve enquanto sujeitos de conhecimento que são sempre sujeitos em relação. Assim, desnaturalizar-se significa desnaturalizar o outro. Estranhar/desnaturalizar são atividades de pensamento, movimentos que levam a outras formas de relação, de práticas. Estranhamento/desnaturalização [...] (CUNHA e RÖWER, 2014, p. 28).

Estranhar o objeto de estudo supõe o exercício de afastamento em relação a este objeto, mas também romper com a tendência de naturalizar as coisas. Isso supõe, em primeiro lugar, uma desconstrução em relação ao que se julga saber sobre o objeto em questão. É buscar saber para além do senso comum, é romper com a curiosidade ingênua e, como afirma Freire (1993) dar vida à curiosidade epistemológica.

Ao conceber esses processos, destaca-se a seguinte dedicatória: "Dedico esta tese aos professores e às professoras que mesmo adoentados continuam a exercer a docência, por acreditarem num amanhã mais justo e humano para todos" (MENDES, 2015). O estranhamento é que após as considerações e resultados, e toda análise de um discurso neoliberal de meritocracia, há disseminação de valores mercantis na educação, porque os/as professores/as permanecem trabalhando doentes? *“por acreditarem num amanhã mais justo e humano para todos”*?

A desnaturalização retira o processo de romantização, o profissional continua a trabalhar doente porque é forçado e não por escolha. O trabalho na sociedade capitalista não se consolida como direito, logo, quem não detém os meios de produção é forçado a vender sua força de trabalho, como a teoria marxista já alerta. Como postula a teoria gramsciana, no neoliberalismo, a produção de consenso cria a ideia, a falsa ideia de que o indivíduo é livre, pode escolher o seu fazer, logo, que o fracasso e sucesso são atribuídos ao indivíduo. Esforço e mérito devem ser reconhecidos individualmente.

Assim, o contexto que o adoecimento docente e o mal-estar docente são produzidos é o de condições precárias de trabalho, ausência de reconhecimento do trabalho docente, baixos salários para muitos professores/as, sobrecarga de trabalho, entre outros. Realizar o trabalho nesse ambiente extremamente hostil e, em muitos casos inóspito, por sua livre escolha, expressaria um fracasso (consciente ou não, já que naturalizamos esses consensos).

Ou ainda que,

A precarização afeta também os trabalhadores estáveis do setor público, portanto o próprio trabalho. Os trabalhadores públicos estáveis (professores, diretores, supervisores) são confrontados cotidianamente com exigência cada vez maiores em seu trabalho e desenvolvem o sentimento de que nem sempre estão à altura das exigências (SOUZA, 2013, p 222).

Segundo a autora, os trabalhadores estão cercados de incertezas, que “Nada está adquirido de fato em termos de direitos sociais agregados ao trabalho, nem mesmo para os trabalhadores estáveis do setor público” (Ibid, 222). É relevante dizer que afetividade, o trabalho concretizado, autonomia em sua *práxis*, uma educação humanista, pode e deve ocorrer

no ambiente formal de educação, mas, não com professores/as doentes. A transcrição da dedicatória, aqui foi interpretada como a naturalização e socialização do reforço do discurso da meritocracia, que mesmo doente, é possível trabalhar e ter sucesso, basta *ter foco, acreditar, ter disciplina*, como vemos comumente os veículos de comunicação liderados pela elite, disseminar.

O processo de estranhar/desnaturalizar, é um esforço intelectual de grande valia, visto que temos aliado na produção acadêmica em formato de pós-graduação *stricto sensu* a capacitação, um novo profissional, que poderá ampliar todo o chamado “patrimônio intelectual”, que não pode aceitar e idealizar a *práxis* educativa, legitimando, que mesmo doentes, podem trabalhar.

Dadas as particularidades, põe-se em questão os resultados das teses com vistas a refletir sobre o tema trabalhado a partir dos achados desses referências. Por ordem cronológica, vamos iniciar com

Tabela 05 Descrição da atualidade/data das pesquisas

| ORDEM | NOME                                | ANO  | TÍTULO                                                                           |
|-------|-------------------------------------|------|----------------------------------------------------------------------------------|
| 1º    | MARIA IZABEL ALVES DOS REIS         | 2014 | O ADOECIMENTO DOS TRABALHADORES DOCENTES NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE BELÉM-PARÁ |
| 2º    | MARIA LUIZA MACIEL MENDES           | 2015 | A TRADUÇÃO DO FRACASSO: BURNOUT EM PROFESSORES DO RECIFE                         |
| 3º    | MARIA JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA DIAS | 2020 | MAL-ESTAR E ADOECIMENTO DOCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL                 |

O trabalho como princípio educativo relaciona o mundo do trabalho com os processos formativos educacionais. O homem e sua existência é fomentada pelo trabalho, pela sua ação com a natureza. Ao ter contato com a natureza e a transformar, ele também se transforma. Assim, é evidente “ser a apropriação do saber articulada ao mundo do trabalho essencial ao trabalhador” (KUENZER, 2013, p.21). O homem se diferencia dos demais animais, pois, racionalmente precisa intervir na natureza, suprimindo suas necessidades, esse processo, denominado de trabalho, é vital para todos os seres humanos. A sua intervenção na natureza produz sua vida material e imaterial, que inclui a formação de ideias, instituições, e etc., fazendo com que o trabalho seja fio condutor para que sejamos humanos. Assim, o mundo do trabalho, é a expressão do fenômeno social da intervenção humana na natureza que garante a sua sobrevivência e a sua emancipação.

Quando surge a propriedade privada e o trabalho se transforma em mercadoria, não temos mais o mundo do trabalho, mas sim, o mundo das mercadorias, de trocas injustas no mercado. O trabalho passa a ser uma mercadoria a ser vendida, restando ao trabalhador uma frágil ligação em relação à sua exploração.

(...) a questão do adoecimento transforma o trabalho em sacrifício, uma vez que a realização do mesmo torna-se extenuante, sendo marcado pela baixa remuneração, aumento da jornada, intensificação, competitividade, dentre outros fatores que marcam um desgaste físico e emocional na vida do trabalhador, podendo mesmo levá-lo à perda da saúde em seu ambiente de labor (REIS, 2014, p. 42).

Não há sociedade sem trabalho, e já é consenso dos estudiosos, que o mundo do trabalho é dado para a politécnica<sup>15</sup>, é o mundo do mercado para um trabalho alienado. O modo de produção capitalista, *lócus* de lucros, se reinventa com novas estratégias para acumular cada vez mais sua rentabilidade. O sujeito, que não possui os meios de produção, irá vender sua força física e intelectual em troca de uma renda que possa garantir sua sobrevivência.

Desse modo, é imperativo destacar que o trabalho é uma condição humana, por isso pertencer ao mundo do trabalho. Quando existe a exploração, a mais-valia, temos que demarcar que é uma atuação do sistema mercadológico.

---

<sup>15</sup> (...) a educação geral será compreendida como a apropriação dos princípios teóricos-metodológicos que permitirão compreender e executar tarefas instrumentais, dominar as diferentes formas de linguagem e situar a si e ao seu trabalho, em relação ao conjunto das relações das quais participe (KUENZER, 2013, p.24)

São questões de conceitos que devem ser consideradas, para que tenhamos uma interpretação de que o trabalho é necessário, pois, é condição de sobrevivência, mas diz respeito, sobretudo, do fazer-se homem.

O trabalho explorado e alienado, que virou mercadoria para ser trocado como mais uma mercadoria, que deve ser destruído, sendo necessárias essas marcações conceituais. “Historicamente, as condições de trabalho dos trabalhadores docentes no Brasil vêm sendo marcadas pela precariedade, deterioração física das escolas, baixos salários, aumento de carga de trabalho, dentre outros fatores” (REIS, 2014, p. 54). O ambiente educacional, historicamente obstaculiza a realização do ofício dos profissionais em educação.

Em relação aos resultados, Reis (2014) destacou o movimento das políticas neoliberais que são repassados socialmente, no caso dos docentes, como algo positivo, já que concede prêmios, bônus, certificados no formato de valorização profissional de um lado, mas, que funciona como uma máscara perversa dessa situação: flexibilização, precariedade, intensificação do trabalho, desvalorização, ambientalizando

[...] as exigências de uma sociedade contraditória, globalizada, individualista, competitiva e fragmentada, que vislumbra uma educação para um tempo que ainda não existe, mas também e, paradoxalmente, determina um imediatismo voltado para atender as exigências de formação para um mercado de trabalho que se modifica a todo o momento, um “aqui-e-agora” que se desmancha no ar a cada instante. É nesse paradoxo que o trabalho docente se vê envolvido e o educador atordoado entre a angústia e o mal-estar (VIANA, 2008, p. 113).

As condições materiais de realização do trabalho docente, cada vez, mais põem como centralidade da formação o tempo presente, o imediato em vista do mercado. Como afirma o autor, “a angústia e o mal-estar” são frutos de um paradoxo.

Do imediatismo, também vislumbrado na formação continuada, segundo a estudiosa, estão alinhadas com as novas “dinâmicas do trabalho” (REIS, 2014, p. 97), ou seja, uma prática dada como positiva, um investimento na carreira docente, porém na realidade é um processo de condicionamento para alinhar os docentes aos processos produtivos, competitivo e mercadológico. A desvalorização, pelo olhar dos seus entrevistados, fez a pesquisadora escrever sobre desencanto e desânimo dos/as professores/as adoecidos, o que para nós, também provoca a evasão. Entre as reflexões importantes que a pesquisadora traz em suas considerações finais está o processo de federalizar as políticas municipais e estaduais, ou seja, os órgãos/instituições financeiras internacionais ditam as normas, e o governo federal repassa para os municípios e estados, que para receber um financiamento, acatam as diretrizes.

Com Mendes (2015) observa-se que o professor do século XXI é um ser humano solitário, doente e com sofrimento psíquico. É importante pensar nessa situação, justamente porque as práticas neoliberais – mais recentemente adotando a tônica da meritocracia – reforçam o individualismo, a competição – entre as redes, entre escolas e, em alguns casos entre os estudantes –, o esforço individual, e essas condições acabam por confirmando a situação social de desamparo vivenciada pelo/a docente. Segundo a autora, tais condições materiais fazem com que os docentes, aos poucos, percam a sua identidade e o sentido do ofício que constitui seu campo de trabalho.

“O IDEB é o meu fracasso traduzido em percentual!”, (MENDES, 2015, p. 97), essa afirmação traz um profundo sentido sobre o caminho percorrido na presente pesquisa, de sermos números, resultados de avaliações quantitativas, da compreensão de que o fracasso é algo individual. O sofrimento que essas diversas situações revelam, como inclusive a perda do emprego, perda dos famosos “prêmios/bônus”, que, advindos da lógica meritocrática, para muitos/as professores/as é visto como complemento salarial. Pelo que se depreende da situação, a meritocracia é uma estratégia que enreda professores/as e, no caso do município de Goiânia, pode-se dizer que começa a enredar também estudantes da educação básica. A autora assevera que a síndrome de *Burnout* tem incidência sobre o desempenho escolar, ou seja, pessoas doentes precisam ser retiradas de suas atividades laborativas, recuperar a condição saudável e somente assim, retornar ao trabalho.

A pesquisa realizada por DIAS (2020), nas considerações, ressalta a existência de desafios para pensar um projeto educacional conectado com a realidade, e para tanto superar as condições materiais produtoras de adoecimento docente. Além do mais, afirma que o atual contexto em nosso país, mais precisamente após 2016, experimenta a inserção de políticas ultraneoliberais no campo da educação. A partir das considerações dessa autora parece correto inferir que a questão do adoecimento docente tende a se ampliar e se aprofundar. Entre os desafios sinalizados por Dias (Iben, 2020) pode-se destacar, por exemplo, a questão da carga excessiva, recorrência da política de contratação de professores/as temporários em ampla escala, – efeito direto da política de desvalorização do servidor público e do projeto que buscar reduzir a realização de concurso público –, situação recorrente de déficit de professores/as e outros profissionais que atuam na educação – esse aspecto contribui para que muitos docentes, mesmo com atestado médico, “escolham” não se afastar do trabalho para evitar que os colegas tenham que assumir o trabalho estando nas mesmas condições que ele. É uma questão dada em nível de moralidade, uma vez, que percebem ser imoral ficar em “casa”, enquanto outro profissional assumirá sua sala de aula. Nesse contexto é possível pensar na questão da

culpabilização, na transferência das questões sociais como sendo exclusivamente do indivíduo. É um contexto complexo e pensar em soluções simplistas e superficiais seria um engano, como mostra Dias (Iben).

Observe-se como o cenário é nebuloso, primeiro que não é “ficar em casa”. Um atestado médico nesses casos vislumbra a recuperação da saúde em todas as suas dimensões. Outra questão, não cabe ao/a professor/a a gestão dessa situação, o poder público, a secretaria de educação que deveria ser acionada e dar respostas a esse tipo de situação. Vemos aqui, novamente o movimento de culpabilização do/da professor/a, de tratar questão do coletivo/poder público como responsabilidade do/a docente exclusivamente.

Outro aspecto problemático é o de trabalhar com crianças sem as condições mínimas no que refere a estrutura física da escola, situação que dificulta e, muitas vezes até impede a prática educativa em sentido emancipatório. E diante disso, Dias (2020) põe em questão a ocorrência da exclusão de crianças que precisam de um atendimento especializado e mostra que, em muitos casos, a inclusão é meramente aparência, um discurso que não se materializa. A autora sinaliza outra situação que todos os envolvidos na educação precisam estar em estado permanente de alerta, que são os recursos públicos destinados à Educação. O fato é que esse é um campo de disputa, de poder, que aparentemente ocorre distante da escola, mas é funcional para todos. Corrobora-se com a autora, que nem sempre os docentes conseguem acompanhar essas disputas e seus resultados e impactos nas escolas.

A pesquisa mostrou que as condições materiais em que o trabalho docente se realiza, em especial no contexto da educação básica, são inóspitas, perversas e hostis e, em larga medida dificultam a realização daquilo que constitui a docência. Assim, parece fundamental e indispensável pôr em questão o paradoxo entre liberdade e angústia inerente ao trabalho docente no mundo capitalista, pois,

(...) As relações entre os homens se esvaem pelos meandros de uma sociedade competitiva e individualista, mas que, contraditoriamente, exige do indivíduo a capacidade de ser múltiplo, flexível, ilimitado e universal. Essas mudanças influenciam decisivamente o modo como os sujeitos se relacionam entre si e com mundo(VIANA, 2008, p. 6).

O adoecimento docente seria, como o autor mostra, um desdobramento “da assunção dos fracassos escolares” (Ibdem, 2008), seria, portanto, uma situação indissociada da questão filosófica consciência de si, ou seja, a questão do ser e do existir no mundo, e, no nosso caso, no mundo organizado e orientado pela lógica neoliberal. Viana (2008) ao citar Sartre (1987, p. 9) nos provoca com o reconhecimento de que “o homem está condenado a ser livre” e essa

liberdade não se realiza sem que a consciência seja uma realidade para aquele que busca a experiência da liberdade do pensamento, a liberdade de ser. A condenação a que se refere, ou seja, a de ser livre, embora distintas, não existem separadamente. Assim, “(...) “não poderia haver consciência realizante sem consciência imaginante, e a recíproca é verdadeira” (VIANA, 2008, p. 61, *Apud* SARTRE, 1996, p. 245).

Destarte, pode-se entender que a existência do educador não é algo dado, determinado. Reconhecer o movimento do *vir a ser* é fundamental para pensar a atitude de resistência e ruptura com o que se apresenta como projeto societal único e desejável, ou ainda, como o horizonte possível para o homem e para a humanidade. Ora, a liberdade deve ser considerada em relação ao pensamento e ação do homem no mundo, mais ainda, em relação ao seu modo de existir no mundo, pois, “uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo o quanto fizer” (VIANA, 2008, p. 6). Desse modo, parece correto inferir que ser é agir no mundo.

Considerando os estudos realizados na presente pesquisa, o adoecimento precisa ser reconhecido como constitutivo da realidade da profissão docente na sociedade capitalista. Esse reconhecimento é indispensável para que a resistência, a luta, a ruptura se faça propositiva para além da consciência individual. É uma questão que deve ser enfrentada pela categoria de professores, pelos sindicatos, pelas associações representativas e pela sociedade civil como um todo, com vistas a transcender o presente, aquilo que asfixia e causa o adoecimento docente. Transcender a realidade presente é intrínseco à condição humana. Essas mudanças que vêm pelo agir conforme à liberdade do pensamento e a força da intencionalidade que o mobiliza. A ação é intencionalidade confirmada em ato, ato de liberdade.

Ao considerar a questão “condenado a ser livre”, compreende-se que o adoecimento docente pode ser situado como a negação dessa condenação. Essa é uma questão filosófica que merece maior aprofundamento e, embora instigante, não é objeto do presente estudo. No entanto, considera-se relevante pensar com Viana (2008), ainda que brevemente, essa questão.

“(…) O homem, condenado a ser livre, carrega nos ombros o peso do mundo inteiro, é responsável pelo mundo e por si mesmo enquanto maneira de ser. A afirmação de que o homem é responsável por tudo o quando fizer não é uma forma de individualismo atroz, mas um verdadeiro humanismo, pois o homem não é responsável por sua estrita individualidade, mas por todos os homens” (VIANA, 2008, p. 66).

O autor mostra como a consciência de si é fundamental para que a liberdade se realize, para que o pensar e o agir humano seja, em ato, expressão e confirmação da liberdade. Nesse sentido, o existir, o tornar-se homem, é, por assim dizer, a tarefa inadiável de reconhecer-se



sujeito histórico-político, ou seja, participe do mundo e não apenas alguém que se adequa ao que é dado, ao que se apresenta como determinado. Assim, no que diz respeito ao adoecimento docente, o exercício da liberdade – de pensamento e de ação – é tarefa inadiável dos humanos, principalmente dos docentes, pois, “(...) no mundo não há nada que não seja humano. [...] portanto, as mais atrozes situações de guerra, as piores torturas”, bem como as situações que causam o adoecimento docente, “são situações humanas” e, sendo assim, são passíveis de mudanças. Daí, como afirma Guimarães Rosa, em *Grandes Sertão: veredas*, viver exige coragem, ou seja, existir exige coragem no que refere a experiência da liberdade do pensamento e da ação frente àquilo que aparece como realidade dada. Assim, ancorada no pensamento sartreano, infere que o “nosso tempo é aqui e agora. E é somente nesse tempo, vivendo essa situação, que nascem e morrem as possibilidades humanas” Viana (2008, p. 67).

Na esteira da análise feita pelo Viana (Ibd) é tarefa humana resistir ao que insistentemente visa ofuscar ou suprimir o sentido e a razão de ser do trabalho docente, pois, “(...) a educação desejada pelo educador não é a educação consentida pelos senhores da sociedade e, às vezes, é o oposto dela. Por isso, o temor e a confusão, o desamparo e a desesperança de ser educador, *hoje e aqui* (BRANDÃO, 1992, p. 9). A educação consentida e difundida na sociedade capitalista é a mesma que, cada vez mais, contribui para que o fenômeno do adoecimento docente seja ampliado e intensificado nos dias atuais. É também aquela que, sob o manto do discurso ideológico explicitado pelo neoliberalismo, fomenta um projeto de formação em vista da desumanização. Reconhecendo tal contexto, impõe-se como fundante a todo esforço no sentido da resistência, da luta, da tarefa da liberdade como responsabilidade humana lembrar que “(...) Nem uma nem outra, humanização e desumanização, são destino certo, dado, sina ou fato. Por isso mesmo que uma é vocação e a outra, distorção da vocação” e assim, faz-se urgente reconhecer que “A utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto pela liberdade, embutido na vocação para a humanização” (FREIRE, 2016, p. 37).

Questões como desumanização e humanização são, pois, indissociáveis da discussão sobre o adoecimento docente. Ambas dizem respeito a maneira de existir no mundo. “(...) Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de recriar, de comunicar-se”, supõe a consciência de si, o cuidado consigo e com o outro. Não se pode perder de vista que “o domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores – domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade” (FREIRE, 2001, p. 7-8). As transformações à que Paulo Freire entendia como necessárias e urgentes na sociedade brasileira no contexto em que ele constituiu a sua existência, guardadas as devidas proporções, permanecem as mesmas, mas atravessadas

pelo uso de estratégias mais sofisticadas – entenda-se perversas – que alcançam a sociedade como um todo e o campo da educação em particular.

O enfrentamento do fenômeno adoecimento docente pelo reconhecimento de que ele é um dos elementos da realidade humana na sociedade capitalista no que diz respeito ao mundo do trabalho, portanto, como afirma Codo (2006), entre outros, atinge outras categorias profissionais. O fato de ser algo que perpassa o mundo do trabalho, deve ser reconhecido como complexo e intrínseco à lógica de organização do modo de produção capitalista. O adoecimento docente nos provoca a pensar que educação e que formação estão em curso. “Que educação é esta: que impede o homem de ser; que limita a experiência do educando, encerrando-o dentre dos limites da escola e da sala de aula; que apresenta verdades feitas e incontestáveis;” (BRANDÃO, 1992, P. 11) que educação é esta que, para realizar-se enquanto tal, supõe o abandono da liberdade e, ao mesmo tempo, favorece a produção do adoecimento daquele que tem o ensino como ofício?

A realidade humana é marcada por contradições e paradoxos e isso parece ponto pacífico no mundo científico. Quem sabe seja necessário inverter um pouco as coisas, ou melhor, propor um voltar para si, um buscar a consciência de si, pois o existir como professor/a supõe, melhor, exige o exercício filosófico no sentido de “Aprender a ser livres para ensinar a ser livres. Aprender e ensinar a liberdade caminham juntos. A pedagogia da liberdade pressupõe o aprendizado da liberdade de ser educador” (ARROYO, 2000, p. 146). A questão da consciência de si, a liberdade do pensamento são realidades fundantes do trabalho docente e isso não pode ser flexibilizado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o contexto da reestruturação do mundo trabalho e suas implicações diretas e indiretas no fenômeno do adoecimento docente, tema central na presente reflexão, vimos que, contraditoriamente, o trabalho que é determinante para a nossa existência pode provocar o adoecimento.

Ao longo da pesquisa ficou claro a relevância da reflexão para sobre as mulheres, que em si, não é o objeto de estudo, mas que estão majoritariamente no campo da educação da primeira fase, nosso recorte de análise. Compreendendo que numa perspectiva científica devemos de forma crítica perceber o sujeito em suas diversas relações sociais, políticas, econômicas, culturais, extraindo um fragmento da realidade. Assim, o trabalho na educação infantil envolve o cuidado que se ramifica em higienizar, cozinhar, alimentar, e afins, um trabalho nem sempre reconhecido socialmente e não tão bem remunerado, pois essa relação está naturalizada na figura da mulher e isso traz implicações em diferentes dimensões.

Tabet (2005) mostra que a divisão sexual do trabalho não é biológica, de déficit de forças, ou de condições físicas. A separação dos corpos está assentada na moral, definindo o que é trabalho e o que não é trabalho. O cuidado ficou para as mulheres como não trabalho, logo, sem a necessidade de visibilidade, regulamentação e remuneração. E ainda, interessante como a autora percebe o “sequestro do tempo”, ao qual a mulher tem os afazeres domésticos na vida privada e pública e exigência de ser profissional, sem contabilizar seu tempo gasto para o desenvolver de tantas atividades. Esboçar essa situação tornou-se necessário dentro das reflexões do adoecimento, já que temos que revelar aqui um traço cultural que permeia o adoecer, que estão ocultas e que devem ser consideradas uma vez que fazem parte das condições de trabalho.

Dentro do mesmo entendimento de Scott (1994) acerca desse assunto, devemos politizar o cuidado, retirando-o da esfera do amor, do dom. O cuidado é tarefa de todos e não somente das mulheres. O cuidado sob a égide da cultura situa numa relação de poder velado. Temos que trazer o cuidado para a agenda das políticas públicas, dando visibilidade para esse ato, isso significa que ao politizar o cuidado enquanto trabalho ele perde sua característica aparente de amor, que aprisiona a mulher. O cuidado é trabalho e não provém de uma essência feminina. Essa naturalização, que dificulta as melhorias na vida da mulher se manifesta também em mal-estar.

Percebemos que existe um profundo entendimento sobre saúde, ambiente saudável via Ministério da Saúde que não dialoga com o Ministério da Educação. Faz necessário aqui, provocar os sindicatos para colocar nas pautas essa associação, em exigir políticas de promoção e saúde do/da docente bem como termos propostas coletivas de professores/as para um processo de classe para si, que seria conhecer além das aparências para fortalecer um processo de luta e mudança.

A saúde dos docentes está sendo afetada pela cobrança excessiva do trabalho no modo de produção capitalista, que modela a escola e por desdobramento que transforma o processo educativo em mercadoria, provocando o aparecimento de problemas de saúde associados ao intenso esforço físico e mental realizado.

Considerando o processo de mercadorização da educação e dos/as docentes, o adoecimento é a forma aparente, isso também significa que enquanto seres objetos, podem ser facilmente descartados.

Dessa forma, aprofundar a temática do adoecimento não parte somente de uma premissa para obter o direito do afastamento para o cuidado da saúde, isso é fundamental, porém, o ser humano se constitui pelo trabalho, pelas relações sociais ali implicadas. O sair desse ambiente temporariamente, e o retorno dentro das mesmas condições configura um ciclo vicioso e danoso para os/as docentes, que começam a ser taxados de fracassados/as, por não obter a “cura”, como se fosse um fenômeno individual.

Principalmente após algumas mudanças decorrentes do mundo do trabalho, da adoção do modelo econômico neoliberal que leva a precarização das condições laborais e salariais e acaba fomentando o desemprego, o subemprego, a retirada de direitos trabalhistas, direitos que demoraram décadas para serem efetivados e que demandaram um movimento social articulado, mas que acabaram, principalmente nos últimos anos, sendo desmontados.

Na relação com a ideia do fracasso,

Nos últimos anos ocorre também uma mudança de concepção acerca do fracasso da educação formal. Historicamente, há uma visão simplista e linear que tende a explicar o fracasso escolar por meio de argumentos preconceituosos que se valem de diferenças individuais dos educandos, de dons e aptidões, como uma forma de justificar as dificuldades de aprendizagem. Posteriormente, o enfoque sobre o fracasso escolar passou a considerar as questões socioculturais, mas não deixava de culpabilizar o educando por seu próprio fracasso. (VIANA, 2008, p.113)

Em face desses e de outros desafios, percebemos, então que o trabalho pode provocar saúde, prazer, mas também doença. A partir dos estudos realizados, que reconhecemos como aproximação sobre o tema, parece correto inferir que a profissão docente é uma das profissões

mais expostas ao adoecimento. Adoecimento que toma para si, ares da individualidade de um fracasso,

A noção de fracasso na educação está intimamente vinculada às dimensões político ideológicas da época em que historicamente ocorre. De uma forma não menos equivocada do que a visão que imputa ao educando as causas do fracasso, ocorre na atualidade uma tendência por parte dos meios de comunicação, das reformas educacionais instrumentais – como Giroux denunciava – e do modelo social em geral em responsabilizar única e exclusivamente o educador pelo fracasso de aprendizagem dos educandos. (VIANA, 2008, p.113)

Notamos um descaso significativo e até desumano do poder público e até mesmo da sociedade em relação aos professores/as, em geral, o que pode vir a gerar ou agravar um adoecimento, bem como a não intervenção destes. Na maioria das vezes, cuidar da saúde e priorizar mudanças necessárias para o bem-estar do trabalhador encontram-se em segundo plano, sendo vistas como desnecessárias (tanto sua aplicação quanto investimento), além de perigosas para que se mantenham processos perversos de controle já instaurados para atingir o objetivo final.

Ser e estar professor na sociedade brasileira, isto existem processos políticos em movimento que, direta ou indiretamente, oferecem descrédito e mesmo ocultação da sua atribuição dentro da sociedade, haja vista, que o/a docente precisa exercer uma função de agente transformador.

O processo educacional é acobertado por discursos e políticas que nem sempre alcançam a práxis e o ofício docente, o movimento de luta é contínuo para revelar o profissional e o significado destes na sociedade brasileira.

A relação adoecimento e trabalho não é simples, principalmente porque envolve a ordem psíquica. A relação homem, mulher e máquina (tecnologia, uberização), e organização do trabalho é complexa e nada evidente e precisamos de uma visão crítica para perceber a organização atual do trabalho, seu modo operante, o modelo de regulação, fortalecer o sindicato enquanto instituição coletiva de interesses dos/as trabalhadores/as.

A pesquisa ratificou a compreensão de que tais questões não podem ser pensadas no plano individual, conquistas são coletivas e vindas de uma relação de poder que são desigualmente distribuídas.

O taylorismo reaparece em diferentes modos de organizar o trabalho, com um mercado de consultorias para a educação, com soluções práticas, ranqueamento e competição sem freio, com implicações severas, como o adoecimento aqui estudado.

O trabalho, ofício, práxis docente é complexo, e a gestão pode degradar o/a trabalhador/a com metas a serem atingidas, cobrar objetivos sem falar dos meios, sem entender a biografia dos envolvidos. As avaliações externas padronizadas para “medir” o desempenho do alunado força um fazer que são verdadeiros treinamentos para provas específicas provocando a redução do ato de formação humana, um empobrecimento da escola a uma funcionalidade de treinos de perguntas e respostas padronizados.

Certas disciplinas que não “caem” na prova, vão perdendo espaço – formal ou não-na matriz curricular tais como: filosofia, sociologia, arte, educação física, gerando um estreitamento do currículo para prova.

A práxis docente, entre outras dimensões já demonstradas, possui um trabalho que é coproduzido, que depende do outro/a, do corpo discente e de suas biografias, da localização regional e não devemos cobrar o/a professor/a estritamente pelo rendimento quantitativo, isso não é formação humana. É necessário observar a complexidade do trabalho docente, que não é somente o repasse de conteúdos.

O trabalho é uma atividade produtiva, isto é, constitui, engendra, instaura um mundo material e simbólico, permitindo do ponto de vista individual e coletivo, a constituição de laço social em torno de uma obra em comum. O trabalho diz respeito também a produção das identidades profissionais, o ser docente. E, quando a gestão neoliberal deteriora o trabalho, temos o sofrimento, mal-estar, adoecimento.

A saúde não tem ligação direta com o estado da doença. A doença é praticamente o resultado final de diversas situações: processos, mediações que não são dedutíveis de fora. E, a lógica atual do trabalho direciona para o adoecimento, assim, não se trata apenas de ter o direito de se afastar do exercício da profissão para o tratamento, uma vez que a gestão pode favorecer o adoecimento e degradação do trabalho.

Depreende-se que há sempre o risco de ser enredado pelo fetiche em torno das políticas públicas, de descrever toda uma problemática e solicitar por medidas abstratas. Precisamos modificar a formação de base, os currículos de graduação precisam ser críticos dessa situação de adoecimento, agir por coletivos, modificar as pautas sindicais para uma aproximação do vivido pelo/a trabalhador/a, uma vez que a distância também causa desinteresse pelo sindicato. Fortalecer o coletivo, participação dos sindicatos com alternância de poder, pautas que entendam a profundidade da problemática do adoecimento, para que coletivamente possamos organizar as ferramentas para o processo de luta e mudança.

A interlocução entre duas instituições que por excelência estudam e preocupam com a saúde e o trabalho, a saber o Ministério da Saúde e o Ministério do Trabalho precisam

dialogar com o Ministério da Educação parece algo fundamental no desafio de compreensão, luta e resistência no que diz respeito ao adoecimento docente.

Dessa forma, a presente pesquisa ao pôr em questão o adoecimento docente buscou chamar a atenção para a importância e urgência de trabalhar no sentido de romper com o processo de naturalização e individualização destas enfermidades, pois, embora se manifestem subjetivamente, elas podem ser vislumbradas como problemas estruturais que atingem a categoria profissional ora estudada.

As doenças que acometem os/as professores/as nem sempre são físicas, pelo contrário, muitas delas estão relacionadas ao modo como os/as professores/as são impactados por políticas educacionais que, ao assumir sintonia com os interesses e valores do mercado, precarizam o trabalho do/a professor/a e até mesmo dificulta que este seja realizado sem que se distancie daquilo que o constitui e o faz ser o que é.

Cabe considerar ainda que no período de pandemia e pós pandemia, a agenda neoliberal também conseguiu explorar e obter lucros, inclusive, por exemplo, barateando ainda mais o/a docente que se viu obrigado a incorporar-se em papel de tutor. Porém, para não ficar essa situação apenas em caráter especulativo, suscita nessa pesquisadora o desejo de estudar o agravamento do adoecimento em período pandemia e pós pandemia em nível de doutorado.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **O Novo (E Precário) Mundo do Trabalho: Reestruturação Produtiva e crise do sindicalismo**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- ALVES, M; MANTA, R; JUNIOR, B; VASCONCELOS, B. **Saúde Física e Mental dos professores: Uma investigação nas Escolas Públicas Estaduais de Pernambuco – Brasil**. Brazilian Journal of Development. março de 2021.
- ANTUNES, R. **As novas formas de acumulação de capital e as formas contemporâneas de estranhamento (alienação)**. Caderno CRH, Salvador, n. 37, p 23-45, jul./dez. 2002.
- ANTUNES, R **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- ANTUNES, R. As Formas Contemporâneas de Trabalho e a Desconstrução dos Direitos Sociais. In: SILVA, Mª O da S e, YASBECK, C. **Políticas Públicas de Trabalho e Renda no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Cortez; São Luiz, MA: FAPEMA, 2006a.
- ANTUNES, R. **A era da informatização e a época da informalização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. IN:ANTUNES, Ricardo (Org.). Riqueza e miséria do trabalho no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2006b.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2010a.
- ANTUNES, R. Produção liofilizada e a precarização estrutural do trabalho. IN: SANT' ANA, Raquel Santos (Org.). **O avesso do trabalho II**. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.
- ANTUNES, R. ADEUS AO TRABALHO?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. pp. 2013.
- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ASSUNÇÃO, A. Ávila Saúde e Condições de Trabalho nas Escolas Públicas. IN: OLIVEIRA D.A. (Org.) **Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes**. Belo Horizonte. Autentica. 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vida ou morte? Esperança ou desespero? In BRANDÃO, Carlos, Rodrigues (Org.). **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1992.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília : Ministério da Saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Legislação Geral do Trabalho**. Disponível em: <<https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/areas-de-atuacao/legislacao-geral-do-trabalho>>. Acesso em: 15 maio. 2023.



BRASIL. **Mulheres são maioria na docência e gestão da educação básica**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>>. Acesso em 30 abril de 2023

CANGUILHEM, G. **Meios e normas do homem no trabalho**. Proposições, v.12, n.2- 3, p. 109-121, Campinas, jul.-nov. 2001

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 3a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

CODO, W. et al.. O que é burnout? In: CODO, Wanderley (Coord.) **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Vozes/ Brasília, Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho. 1999.

CODO, W. et al. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

COÊLHO, I. M. **Pensando o trabalho educativo**. Educativa, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 313-326, jul./dez. 2011.

COÊLHO, I. M. **Escritos sobre o sentido da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

COSTA, C. B.; MACHADO, M. M. **Políticas públicas e Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2017.

CUNHA, J. L. D.; RÖWER, J. E. “Ensinar o que não se sabe”: estranhar e desnaturalizar em relatos (auto)biográficos. **Educação**, v. 39, n. 1, 14 jan. 2014.

DEJOURS, Chistophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. Psicodinâmica do Trabalho. In: BETIOL, Maria Irene Stocco. (Coord.). **Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da relação prazer, sofrimento e trabalho**. 1. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2009.

DIAS, M. J. P. de O. **Mal-estar e adoecimento docente no contexto da educação infantil**. Maria José Pereira de Oliveira Dias. 2020.

DESLANDES, S. F. **Humanização dos cuidados em saúde: conceitos, dilemas e práticas**. SciELO – Editora FIOCRUZ. 2006

FERREIRA, N. S. DE A. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educação e Sociedade, v. 23, n. 79, p. 257 – 272, ago. 2002

FREIRE, P. Paulo Freire: nós podemos reinventar o mundo. [Entrevista cedida a] Moacir Gadotti. **Revista Nova Escola**, p. 8-13, 1993.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 23ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & Sociedade**, v. 24, p. 93–130, 1 abr. 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 1. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1999.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 5. Edição e Tradução de Luiz Sérgio Henriques; Coedição de Carlos Nelson Coutinho e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 3. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2007a.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Volume 4. Edição e Tradução de Carlos Nelson Coutinho; Coedição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 2007b.

GROSSI, Mírian Pillar. **O masculino e o feminino na educação**. GROSSI, Esther Pilar e BORDIN, Jussara (org.) Paixão de Aprender. Petrópolis: Vozes, 1996, 8ª ed.

HARVEY, J. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1999.

HARVEY, D. **A Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 2010.

KÖCHE, J.C. **Fundamentos da metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

KUENZER, A.; CALDAS, A. **Trabalho docente: comprometimento e desistência**. In: FIDALGO, Fernando; OLIVEIRA, Maria Auxiliadora; FIDALGO, Nara. (Orgs.) A intensificação do trabalho docente: tecnologias e produtividade. Campinas, SP: papirus, 2009. p. 19-48.

KUENZER, A. Z. **O trabalho como princípio educativo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 68, p. 21–28, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1118>. Acesso em: 3 fev. 2023.

LENIN, V. I. (2011). **O imperialismo: Etapa superior do capitalismo**. Navegando publicações. Campinas. Brasil. versão eletrônica.

LESSA, S. **Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo**. Editora Cortez: São Paulo, 2011.

LIBÂNEO, J. C. **Organização da Escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C.; FREITAS, R. M da M.(org.). **Políticas educacionais neoliberais e escola pública: uma qualidade restrita de educação escolar**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2018.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MASCARENHAS, Ângela Cristina. **O Trabalho e a Identidade política da classe trabalhadora**. Goiânia. Alternativa, 2002.

MARTINS, L. S. **A identidade política dos professores das Universidades Públicas Federais e as transformações no mundo do trabalho**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2009. 191 p.

MARX, K. **Contribuição para a crítica da economia política**. Tradução Maria Helena BarreiraAlves. Lisboa: Estampa, 1977; Mandacaru, São Paulo, 1989.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ªed. 2008

MENDES, M.L.M. **A tradução do fracasso: Burnout em professores do Recife**. Recife. O autor, 2015. 138 f.

MOURA, E. P. G. Saúde mental e trabalho. **Esgotamento profissional em professores da rede ensino particular de Pelotas - RS**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1997.

NELI, M. A.; NAVARRO, V. L. Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador na agroindústria avícola no Brasil: o caso dos trabalhadores de uma unidade produtiva de abate e processamento de aves. In: ANTUNES, R. (Org.) **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, 2013. p.287-304.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n 89, p. 1127-1144, set/dez. 2004

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condições dos professores**. Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. (OMS). Disponível em: <http://www.bvs.eportuguese.org/php/index.php>. Acesso em 10 jan 2023.

REINHOLD, H. H. **O sentido da vida: prevenção do stress e burnout em professores**. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 2004

REIS, M. I. A. D. **O adoecimento dos trabalhadores docentes na rede pública de ensino de Belém**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciências da Educação. Programa de Pós Graduação em Educação. Belém. 2014.

RÊSES, E. S. **De vocação para profissão: organização sindical docente e identidade social do professor**. Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Tese de Doutorado. Brasília: UnB, 2008.

ROSSO, S. D. **Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANTOS, M. **Sobre uma Sociologia do Sofrimento no Trabalho**. E-Locução/Revista Científica da FAEX. Ed.20 – Vol. 10. 2021. Disponível em: <https://periodicos.faex.edu.br/index.php/e-Locucacao/issue/view/20> Acesso em 01.fev. 2023.

SAVIANI, D. **Formação e condições do trabalho docente**. In: Educação e Cidadania. Campinas: Alínea, 2007.

SCOTT, J. W. **A Mulher Trabalhadora**. In: História das Mulheres, Século XX. Edições Afrontamento, Abril, volume 3, 1994

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: o desaparecimento das virtudes com o novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2012.

SHIROMA, Eneida Oto; SANTOS, Fabiano Antônio. **Slogans para a construção do consentimento ativo**. In: EVANGELISTA, Olinda (Org.). O que revelam os slogans da política educacional. Araraquara. São Paulo: Junqueira-Marin, 2014. pp. 21-4

SILVA, T. R.; CARVALHO, E. A. **Depressão em professores universitários: uma revisão da literatura brasileira**. Revista UNINGÁ, Maringá, vol.28,n.1,pp.113-117, out 2016.

SOUZA, A. N de. **A modernização do trabalho de professores: processo de precarização e ataque ao trabalho**. Disponível em: <<http://www.anpocs.org/index.php/encontros/papers/36-encontro-anual-da-anpocs/gt-2/gt08-2/7923-a-modernizacao-do-trabalho-de-professores-processo-de-precarizacao-e-ataque-ao-trabalho>>. Acesso em: 4 abr. 2023.

TABET, P. Las manos, los instrumentos, las armas. In: Curiel, Occhy; FALQUET, J. (orga). **El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas**. Colette Gulhaumin. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005.

TAYLOR, F. W. **Princípios da administração científica**. 8º ed. São Paulo: Atlas, 1990. (seção II, p.37-67)

ULHOA, J. P. **Reflexões sobre a leitura em filosofia**. UFG, Goiânia, 1997.

VATIN, F. **Uma ciência tayloriana do trabalho?** (Henry Le Chatelier, Jules Amar, Jean-Maurice Lahy, Émile Belot). In: VATIN, François. Epistemologia e sociologia do trabalho. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

VASCONCELLOS, C. S. **Construção do conhecimento em sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Libertad, 2006.

VIANA, C. P. **O educador [manuscrito] : angústia e liberdade – uma leitura ontológica, fenomenológica e existencialista do sentido de ser educador em tempo de mal-estar docente.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação. 2008.

ZARAGOZA, E. J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - Guia do Programa Reforço Escolar



## APRESENTAÇÃO

A Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, por meio da Superintendência Pedagógica e da Gerência de Educação Fundamental da Infância e da Adolescência, apresenta o Programa *Reforço Escolar*.

O objetivo desse Programa é oferecer suporte aos estudantes do 4º, 5º, 6º e 9º ano que apresentam defasagem de conhecimentos e/ou dificuldade de aprendizagem, promovendo condições diferenciadas de estudo, com atendimento pedagógico mais direcionado e individualizado, bem como a utilização de estratégias de ensino mais interativas e dinâmicas.

## HORÁRIO

O Reforço Escolar será desenvolvido no mesmo turno em que o estudante está matriculado.

### ANOS INICIAIS

**Matutino: 11h15min às 12h15min**

**Vespertino: 17h15min às 18h15min**

### ANOS FINAIS

**Matutino: 11h25min às 12h15min**

**Vespertino: 17h15min às 18h05min**

## ORGANIZAÇÃO

Haverá um revezamento semanal do número de aulas de reforço entre os componentes de Língua Portuguesa e Matemática, como exemplificado a seguir.

| Semana    | Nº de aulas | Componente curricular | Nº de aulas | Componente Curricular |
|-----------|-------------|-----------------------|-------------|-----------------------|
| <b>1ª</b> | 3           | Língua Portuguesa     | 2           | Matemática            |
| <b>2ª</b> | 2           | Língua Portuguesa     | 3           | Matemática            |
| <b>3ª</b> | 3           | Língua Portuguesa     | 2           | Matemática            |



**Nos anos finais, caso haja apenas um professor, este ministrará o componente para o qual foi modulado.**



## DESENVOLVIMENTO



## CRIAÇÃO DAS TURMAS

Prioridade - **Anos Iniciais**

- 4º ano
- 5º ano

Prioridade - **Anos Finais**

- 6º ano
- 9º ano

## ESTUDANTES ELEGÍVEIS

- **4º ano** – estudantes reprovados em 2022, não alfabetizados no Mapa de Alfabetização do 3º (2022) e estudantes com baixo desempenho no EBEF (3º ano 2022);
- **5º ano** - estudantes com proficiência abaixo do básico e básico no Avalia Goiânia (CAED /2022) e baixo desempenho no EBEF (4º ano/2022);
- **6º ano** - estudantes com baixo desempenho no EBEF do 5º ano em 2022;
- **9º ano** - estudantes com proficiência abaixo do básico e básico no Avalia Goiânia (CAED /2022) e baixo desempenho no EBEF (8º ano /2022).



## QUANTITATIVO DE ESTUDANTES POR TURMA

- 4º/5º ano - **15 estudantes**
- 6º/9º ano - **20 estudantes**

## PROFESSORES

### Prioridade

- 4º/5º ano - **Pedagogia**
- 5º/6º/9º ano - **Língua Portuguesa e Matemática**

## DIRETOR E COORDENADOR PEDAGÓGICO

Caberá ao Diretor, em consonância com a coordenação pedagógica, definir os professores e as turmas em que eles irão atuar. Professores com outras formações podem atuar no Reforço Escolar desde que haja demanda.

O professor coordenador do turno regular dos estudantes que participam do Reforço Escolar deverá sistematizar as necessidades formativas e encaminhá-las ao professor do Reforço Escolar.

## ARTICULADOR



**As Unidades Educacionais que ofertarem 3 ou mais turmas de reforço terão direito ao Articulador.**



É papel do Articulador do Reforço Escolar:

- organizar as turmas para que o trabalho seja iniciado no horário estabelecido;
- fazer o controle da frequência dos estudantes, juntamente com o professor responsável, realizando a busca ativa caso seja necessário;
- verificar os planejamentos semanais dos professores, realizando orientações, garantindo o cumprimento da programação curricular;
- acompanhar o desenvolvimento das aprendizagens dos estudantes, em diálogo com o professor responsável, verificando a necessidade de permanência destes no Reforço.

**Obs.:** Na Unidade Educacional que não for possível modular um Articulador do Reforço Escolar, o diretor deverá organizar esse movimento.

## O QUE ENSINAR?

O Reforço Escolar tem como base o Documento Curricular para Goiás - Ampliado. Para o seu desenvolvimento é necessário que o professor considere os conhecimentos já apropriados pelos estudantes (diagnóstico), visando o que eles precisam aprender.

**Obs.:** Segue, em anexo, as orientações específicas para Língua Portuguesa e Matemática.

| ANO   | LÍNGUA PORTUGUESA                                                           | MATEMÁTICA                                           |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|
| 4º    | Alfabetização com foco na leitura, interpretação e produção de texto.       | Alfabetização                                        |
| 5º/6º | Leitura, interpretação e produção de texto.                                 | Matemática básica por meio da resolução de problemas |
| 9º    | Leitura, interpretação e produção de texto por meio dos descritores do SAEB | Matemática básica por meio da resolução de problemas |

## AVALIAÇÃO

O professor deverá, ao longo do processo de ensino-aprendizagem, avaliar os estudantes, analisar os resultados e realizar as intervenções necessárias.

Ao final de cada semestre será realizada uma prova com o objetivo de verificar os avanços e orientar o Reforço para o próximo semestre.

## **ANEXO**

### **Língua Portuguesa**

## PROGRAMA REFORÇO ESCOLAR – LÍNGUA PORTUGUESA – PLANEJAMENTO SEMANAL

Escola Municipal: \_\_\_\_\_

Ano/Turma: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

Professor (a): \_\_\_\_\_

| <b>ATIVIDADE DETALHADA DE LEITURA</b><br>(Oralidade; Análise Linguística/Semiótica) | <b>RECURSOS DIDÁTICOS</b><br>(livros literários, fichas de leitura, textos de gêneros textuais variados, textos fatiados) | <b>HABILIDADES</b><br>(Documento Curricular para Goiás – Ampliado/Matriz de Referência da Avaliação Semestral/Aprender Sempre) | <b>OBSERVAÇÕES:</b><br>- Frequência<br>- Desenvolvimento das atividades<br>- Encaminhamentos<br>- Outros recursos materiais |
|-------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                     |                                                                                                                           |                                                                                                                                |                                                                                                                             |
| <b>ATIVIDADE DETALHADA DE ESCRITA</b><br>(Análise Linguística/Semiótica)            | <b>RECURSOS DIDÁTICOS</b><br>(Jogos (SEA); cruzadinhas, diagramas, escrita espontânea)                                    | <b>HABILIDADES</b><br>(Documento Curricular para Goiás – Ampliado/Matriz de Referência da Avaliação Semestral/Aprender Sempre) |                                                                                                                             |
|                                                                                     |                                                                                                                           |                                                                                                                                |                                                                                                                             |
| <b>ATIVIDADE DETALHADA DE PRODUÇÃO DE TEXTO</b><br>(Escrita/Produção de Texto)      | <b>RECURSOS DIDÁTICOS</b><br>(Planejamento, escrita, revisão e publicação)                                                | <b>HABILIDADES</b><br>(Documento Curricular para Goiás – Ampliado/Matriz de Referência da Avaliação Semestral/Aprender Sempre) |                                                                                                                             |
|                                                                                     |                                                                                                                           |                                                                                                                                |                                                                                                                             |

Professor,

O trabalho com o componente Língua Portuguesa deve utilizar a sequência didática como proposta metodológica, que se organiza, por meio de um conjunto de atividades sequenciais, em torno de um gênero textual predominante, interrelacionando as diferentes práticas de linguagem (leitura, oralidade, análise linguística/semiótica, produção de texto).

Contudo, é necessário que, ao realizar o primeiro contato com o texto, os estudantes explorem alguns aspectos importantes da leitura, tais como:

- expectativas em relação ao gênero proposto;
- antecipação de conteúdo pela análise do título, das ilustrações e pelo formato do texto;
- Identificação da função social de textos, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam;
- localização de informações explícitas;
- localização de informações implícitas.

Seguem os conhecimentos a serem trabalhados no Reforço Escolar.

### **Prática de linguagem: Leitura**

#### **Aprendizagens**

- Lê palavras de uso frequente, por memorização
- Lê palavras com sílabas simples
- Lê palavras com sílabas complexas
- Lê palavras novas com precisão na decodificação
- Lê palavras, frases e textos por memorização (sabem de cor)
- Lê palavras com precisão na decodificação (sílabas simples e complexas)
- Confirma antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos, verificando as hipóteses elaboradas
- Compreende o sentido global de textos que leu, de maneira autônoma
- Lê oralmente, com fluência, textos de diferentes gêneros textuais

### **Prática de linguagem: Análise Linguística**

#### **Aprendizagens**

- Conhece a ordem alfabética
- Reconhece a separação das palavras, na escrita, por espaços em branco
- Percebe que as palavras variam quanto ao número, à ordem e às letras utilizadas na sua escrita
- Identifica palavras que começam com a mesma letra
- Identifica semelhanças sonoras em sílabas iniciais e rimas
- Segmenta as palavras em sílabas
- Compara palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais

- Conhece e identifica diferentes tipos de fontes e caracteres usados para escrever
- Conhece os sinais de acentuação (agudo e circunflexo), bem como o sinal indicativo de nasalidade (til) e o que representam (vogal aberta, fechada e nasalizada)
- Identifica outros sinais no texto, além das letras, como pontos finais, de interrogação e exclamação e seus efeitos na entonação
- Estabelece relações entre fonema-grafema mesmo omitindo, mudando a ordem ou trocando letras nas palavras
- Compara palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais
- Segmenta as palavras em sílabas

### **Prática de linguagem: Escrita/Produção de Texto**

#### **Aprendizagens**

- Escreve seu primeiro nome sem apoio visual
- Escreve enunciados, espontaneamente (palavras, frases, textos)
- Escreve por ditado, palavras, frases e textos
- Escreve palavras, estabelecendo alguma correspondência entre letra e som, mesmo omitindo, mudando a ordem ou trocando letras
- Escreve seu nome completo com letra bastão ou cursiva.
- Escreve enunciados espontaneamente (palavras, frases e textos)
- Identifica e corrige, com a mediação do professor, erros ortográficos dos seus próprios textos ou de colegas
- Copia textos breves, mantendo suas características e voltando para o texto sempre que tem dúvidas sobre sua distribuição gráfica, espaçamento, escrita das palavras e pontuação
- Produz textos de diferentes gêneros textuais, com autonomia, para diferentes finalidades

Professor,

Para garantir a progressão de conhecimentos, após o processo de alfabetização, mencionado de acordo com as aprendizagens acima, é importante dar continuidade ao ensino e aprendizagem, em conformidade com o desenvolvimento do currículo.

### **Prática de linguagem: Leitura**

#### **Aprendizagens**

- Analisa os efeitos de sentido: recursos gráfico-visuais em textos multissemióticos
- Lê e compreende, com autonomia, textos instrucionais
- Compreende e interpreta como as imagens, gráficos e tabelas relacionam-se com a construção de sentido do texto
- Infere informações implícitas nos textos lidos
- Infere o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto

- Recupera relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos) que contribuem para a continuidade do texto
- Identifica em textos e usa na produção textual pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos, como recurso coesivo anafórico
- Identifica em textos e usa na produção textual a concordância entre substantivo ou pronome pessoal e verbo (concordância verbal), bem como a concordância entre artigo, substantivo e adjetivo (concordância no grupo nominal)
- Reconhece e grafia, corretamente, palavras derivadas com os sufixos -agem, -oso, -eza, -izar/-isar (regulares morfológicas)
- Lê e compreende, com certa autonomia, narrativas ficcionais (contos, crônicas, peças teatrais, entre outros), observando os elementos da estrutura narrativa (enredo, tempo, espaço, personagens, narrador) e a construção do discurso indireto e discurso direto
- Lê e compreende, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros
- Analisa diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto

### **Prática de linguagem: Análise Linguística**

#### **Aprendizagens**

- Usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em paroxítonas terminadas em -i(s), -l, -r, -ão(s)
- Identifica a função na leitura e usa, adequadamente, na escrita, ponto final, de interrogação, de exclamação, dois-pontos e travessão em diálogos (discurso direto), vírgula em enumerações e em separação de vocativo e de aposto
- Reconhece e grafia, corretamente, palavras derivadas com os sufixos -agem, -oso, -eza, -izar/-isar (regulares morfológicas)
- Identifica, em textos dramáticos, marcadores das falas das personagens e de cena
- Reconhece as diferenças e semelhanças entre discurso indireto e discurso direto, focalizando na pontuação e no uso dos verbos discendi, verbos para introduzir um diálogo: afirmar, falar gritar, declarar, ordenar, perguntar, exclamar, pedir, concordar
- Compreende que a fala de um personagem pode vir organizada em uma variedade linguística diferente do texto do narrador, o que implica no uso de recurso de caracterização de personagem, ou de suas intenções
- Localiza palavras no dicionário para esclarecer significados, reconhecendo o significado mais plausível para o contexto que deu origem à consulta
- Diferencia, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos e reconhece, o efeito de sentido que decorre do uso de reticências, aspas, parênteses
- Compreende o uso dos verbos nos tempos presente, passado e futuro, do modo indicativo
- Diferencia palavras primitivas, derivadas e compostas, e derivadas por adição de prefixo e de sufixo
- Identifica e reproduz, em textos de resenha crítica de brinquedos ou livros de literatura infantil, a formatação própria desses textos (apresentação e avaliação do produto)



- Identifica o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso)
- Identifica as sílabas das palavras, reconhecendo qual sílaba é tônica
- Identifica quais sílabas têm vogais abertas e quais têm vogais fechadas
- Identifica, em textos, o uso de conjunções e a relação que estabelecem entre partes do texto: adição, oposição, tempo, causa condição, finalidade
- Identifica e reproduz, em notícias, manchetes, lides e corpo de notícias para público infanto-juvenil e cartas de reclamação (revista infantil), digitais ou impressos, a formatação e diagramação

### **Prática de linguagem: Escrita/Produção de Texto**

#### **Aprendizagens**

- Produz pequenos textos com roteiros associados a imagens e atenta-se à estrutura textual
- Atribui títulos aos textos com criatividade
- Organiza o texto em unidades de sentido, dividindo-o em parágrafos segundo as normas gráficas e de acordo com as características do gênero textual
- Utiliza, ao produzir um texto, conhecimentos linguísticos e gramaticais, tais como ortografia, regras básicas de concordância nominal e verbal, pontuação (ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, vírgulas em enumerações) e pontuação do discurso direto, quando for o caso
- Utiliza, ao produzir um texto, recursos de referência (por substituição lexical ou por pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos), vocabulário apropriado ao gênero, recursos de coesão pronominal (pronomes anafóricos) e articuladores de relações de sentido (tempo, causa, oposição, conclusão, comparação), com nível suficiente de informatividade
- Produz textos em versos, utilizando recursos expressivos como: rimas/jogos de palavras/sentidos figurados/recursos visuais, entre outros
- Produz notícias sobre fatos ocorridos no universo escolar, digitais ou impressas
- Produz textos instrucionais de regras de jogo
- Usa acento gráfico (agudo ou circunflexo) em paroxítonas terminadas em i(s), l, r, ão(s)

#### **Materiais para consulta**

- Aprender Sempre
- Leia
- Proposta de Intervenção – Alfabetização em Foco
- Conexão Escola

## **ANEXO**

# **Matemática**

## **ORIENTAÇÕES PARA REFORÇO DE MATEMÁTICA**

Caro(a) professor(a)

A intervenção pedagógica de matemática para o reforço escolar apresenta os objetos de conhecimentos / conteúdos considerados essenciais para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos estudantes, tendo em vista o processo de recomposição e recuperação das aprendizagens.

Os objetos de conhecimentos elencados abaixo para o reforço escolar serão trabalhados no decorrer do ano letivo. Estes foram selecionados do Documento Curricular para Goiás - DC-GO Ampliado, considerando o baixo desempenho dos estudantes dos 4º, 5º, 6º e 9º ano, nas avaliações: EBEF, CAED, Alfabetização em Foco e, também, por meio de diálogos com coordenadores e apoios pedagógicos.

### **Planejamento das aulas:**

As aulas de reforço precisam ser planejadas, considerando:

- O diagnóstico dos saberes prévios dos estudantes;
- Objetos do conhecimento / conteúdos de acordo com o nível da turma, lembrando que estes se complexificam ao longo do processo de aprendizagem dos estudantes.
- situações de aprendizagem que contemplem a integração entre as unidades temáticas, sempre que possível;
- Os recursos e metodologias que facilitem o processo de aprendizagem dos estudantes, tais como: uso de materiais concretos, atividades em grupos, metodologias ativas, resolução de problemas, investigação matemática, jogos, dentre outros.

4º e 5º ano

| Unidade Temática            | Objetos de conhecimento                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     | Sugestão de material                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Números                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>Leitura, escrita, contagem, estimativa, agrupamento, comparação e ordenação de números naturais.</li> <li>Uso de símbolos de: equivalência, maior, menor, diferente.</li> <li>Representação, localização e ordenação de números na reta numérica.</li> <li>Composição e decomposição de números naturais.</li> <li>As quatro operações com números naturais (situações problemas).</li> <li>juntar, acrescentar, separar, retirar.</li> <li>Procedimento de cálculo mental e escrito.</li> <li>Sistema Monetário Brasileiro.</li> <li>Significado de dobro, triplo, metade e terça parte.</li> </ul> | <p>*Orientações Pedagógicas para o 1º Ano da Alfabetização.</p> <p>*Proposta de Intervenção 1º e 2º Ano Alfabetização em Foco;</p> <p>*Proposta de Intervenção 3º Ano - Alfabetização em Foco;</p> <p>*Atividades do Saego Alfa 2022;</p> <p>*Cadernos Aprender Sempre dos anos 1º, 2º, 3º, 4º, 5º.</p> <p>*Outros:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livros didáticos,</li> <li>- Livros paradidático,</li> <li>- Jogos Matemáticos,</li> <li>- Mídias Digitais</li> <li>- Portal conexão escola (<a href="https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/propostas-didaticas/">https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/propostas-didaticas/</a>)</li> </ul> |
| Álgebra                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>Sequências de figuras e números naturais.</li> <li>Identificação e regularidade das sequências.</li> <li>Sequências recursivas e não recursivas.</li> <li>Relação de igualdade.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Grandezas e Medidas         | <ul style="list-style-type: none"> <li>Medidas de comprimento, massa e capacidade: comparações e unidades de medida não convencionais.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>Medidas de tempo e temperatura: unidades de medida de tempo.</li> <li>Uso de Calendário.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Geometria                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>Localização, movimentação e representação de pessoas e objetos no espaço segundo um ponto de referência.</li> <li>Desenhos em malhas quadriculadas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>Figuras espaciais e suas planificações.</li> <li>Figuras geométricas espaciais (cubo, bloco retangular, pirâmide, cone, cilindro e esfera): reconhecimento e características.</li> <li>Figuras geométricas espaciais, reconhecimento, características e propriedades.</li> <li>Áreas de figuras construídas em malhas quadriculadas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Probabilidade e Estatística | <ul style="list-style-type: none"> <li>Coleta e organização de informações.</li> <li>Leitura e interpretação de tabelas e gráficos.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

## ANEXO 2 – Ofício Circular nº 254



Secretaria Municipal de Educação  
Superintendência Pedagógica  
Diretoria Pedagógica

Ofício Circular nº. 254/2022 – DIRPED

Goiânia, 28 de julho de 2022.

Aos  
Diretores das Unidades Educacionais da RME  
Nesta

**Assunto:** Cadernos de Prova da Avaliação Semestral do Programa Alfabetização em Foco

Senhor(a) Diretor(a),

Encaminhamos a Vossa Senhoria o link de acesso aos cadernos do 1º e 2º ano para a impressão das provas a serem aplicadas aos estudantes, conforme cronograma, anexo, do Programa Alfabetização em foco.

A avaliação semestral é um instrumento de diagnóstico, que visa o acompanhamento do processo de alfabetização, possibilitando as intervenções necessárias para garantir a qualidade do aprendizado nesta etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os arquivos com os Cadernos de Prova, estão no link abaixo:

[https://drive.google.com/drive/folders/1UaRA12wE2\\_cUfBG\\_zh-8Ya2qkMzfFMEs?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/1UaRA12wE2_cUfBG_zh-8Ya2qkMzfFMEs?usp=sharing)

Para a impressão do material, é necessário que a Unidade Educacional esteja atenta às orientações:

- A capa e as páginas com imagens deverão ser coloridas, as demais em preto e branco.
- A orientação para os procedimentos de contratação dos serviços de impressão são de responsabilidade da área financeira e prestação de contas.
- Caso a Unidade Educacional tenha alguma dificuldade para a contratação dos serviços de impressão dos Cadernos de Prova, deverá comunicar, imediatamente, à Superintendência Pedagógica (SUPPED).

Atenciosamente,

Prof. Marcelo Ferreira de Oliveira  
Superintendente Pedagógico

**Cronograma das ações para a aplicação da Avaliação Semestral de Alfabetização**

| <b>Ação</b>                                                   | <b>Data/Período</b>  | <b>Responsável</b>                          | <b>Observação</b>                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------------------------------------------|----------------------|---------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Impressão dos cadernos de provas                              | Até o dia 10/08/2022 | Diretor                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>Os apoios pedagógicos verificarão o cumprimento da ação.</li> </ul>                                                                                                                                              |
| Preenchimento das planilhas de sistematização dos resultados. | Até o dia 10/08/2022 | Secretaria da Unidade Educacional           | <ul style="list-style-type: none"> <li>Os apoios pedagógicos irão verificar o cumprimento da ação.</li> <li>A planilha contém abas para cada uma das turmas. Devem ser desconsideradas as abas cujas turmas a Unidade Educacional não tenha.</li> </ul> |
| Aplicação da Avaliação de Língua Portuguesa                   | 15 e 16 de agosto    | Professor referência                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>O professor deverá estar ciência das orientações contidas no Guia de Aplicação.</li> </ul>                                                                                                                       |
| Aplicação da Avaliação de Matemática                          | 17 e 18 de agosto    | Professor referência                        |                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Período de correção                                           | 19 a 24/08/2022      | Professor e coordenador de aplicação da SME | <ul style="list-style-type: none"> <li>As Unidades Educacionais devem aguardar as orientações da SUPPED para a sistematização dos resultados.</li> </ul>                                                                                                |

- O apoio pedagógico é o responsável pela orientação da aplicação e sistematização dos resultados.

## ANEXO 3 – Ofício Circular nº 193



Ofício Circular nº. 193/2022 – DIRPED

Secretaria Municipal de Educação  
Superintendência Pedagógica  
Diretoria Pedagógica

Goiânia, 20 de maio de 2022.

Aos  
Diretores das Unidades Educacionais da RME  
Nesta

**Assunto:** Programa Aprender Sempre

Senhor(a) Diretor(a),

Para dar suporte ao trabalho dos professores da Rede Municipal de Educação de Goiânia com os cadernos do Programa Aprender Sempre, a Superintendência de Gestão da Rede e Inovação Educacional (SUGEST), através do Núcleo Educação Conectada (NEC), em parceria com a Superintendência Pedagógica (SUPPED), elaborou propostas didáticas (compostas por videoaulas, slides e atividade) dos Componentes Curriculares Língua Portuguesa e Matemática.

As videoaulas estão organizadas de acordo com os temas das sequências didáticas - material do Programa Aprender Sempre. Os assuntos contemplados em cada sequência didática estão sistematizados em videoaulas disponíveis em nosso canal do *Youtube* (Canal Portal Conexão Escola). Os materiais extras (slides e atividade) relacionados a cada videoaula estão disponíveis no Portal Conexão Escola pelo endereço: [sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola](http://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola).

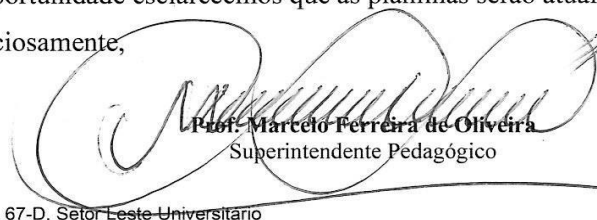
Os slides e a atividade em formatos editáveis podem ser acessados pelo link: <https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/propostas-didaticas/>

Para facilitar o acesso, organizamos uma tabela com a sistematização das videoaulas e dos materiais extras (slides e atividade). As tabelas estão organizadas por bimestre, de acordo com a proposta do Programa Aprender Sempre. Acesse o *QR CODE* utilizando a câmera do seu celular ou digitando o endereço indicado abaixo:

| Tabela - Programa Aprender Sempre                                                   | Chamada do Programa Aprender Sempre - Youtube                                                         |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  |                   |
| <a href="http://encurtador.com.br/hyzAW">http://encurtador.com.br/hyzAW</a>         | <a href="https://www.youtube.com/watch?v=nUZRIeOOFjE">https://www.youtube.com/watch?v=nUZRIeOOFjE</a> |

Na oportunidade esclarecemos que as planilhas serão atualizadas constantemente.

Atenciosamente,



Prof. Marcelo Ferreira de Oliveira  
Superintendente Pedagógico

## ANEXO 4 – Ofício Circular nº 138



Secretaria Municipal de Educação  
Superintendência Pedagógica  
Diretoria Pedagógica

Ofício Circular nº. 138/2022 – DIRPED

Goiânia, 23 de março de 2023.

Aos  
Diretores das Unidades Educacionais da RME (Ensino Fundamental)  
Nesta

**Assunto:** Esclarecimentos sobre o Simulado do Núcleo Diversificado

Senhor(a) Diretor(a),

Após uma série de diálogos realizados com coordenadores pedagógicos e diretores que apresentaram a insatisfação por parte dos professores pela orientação de aplicarem e corrigirem o Simulado do Núcleo Diversificado, prestamos o seguinte esclarecimento:

A orientação se deu em virtude do entendimento que o professor do Núcleo Diversificado participou da aplicação, correção e lançamento dos resultados na Planilha de Sistematização do Exame Bimestral do Ensino Fundamental. Portanto, numa coletividade, seria natural que os professores participassem dos mesmos processos referentes ao Simulado. Consideramos que o lançamento dos resultados na planilha de sistematização é uma ação mais complexa e demorada, sendo, assim, designada ao professor do Núcleo Diversificado por ser o titular dos componentes curriculares avaliados.

Nas conversas com as coordenadoras, algumas expuseram que o professor do Núcleo Diversificado não foi alocado para aplicação, correção e lançamento dos resultados do Exame Bimestral, desenvolvendo outras atividades inerentes à docência durante o processo de aplicação.

Diante do exposto, orientamos o seguinte:

- nas escolas em que o professor do Núcleo Diversificado tenha participado da aplicação do exame bimestral, que o coletivo de professores possa realizar as atividades de aplicação e correção do Simulado.

- nas escolas em que o professor do Núcleo Diversificado não tenha participado da aplicação do exame bimestral, que o coletivo de professores aplique o Simulado e que a correção e o lançamento dos resultados na Planilha de Sistematização fiquem a cargo do professor do Núcleo Diversificado.

www.goiania.go.gov.br